

29-7-46

BARBA DE MILHO

PARODIA PHANTASTICA

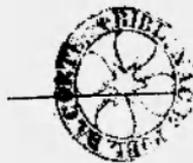
DO

BARBE BLEUE

POR

AUGUSTO DE CASTRO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ
NO RIO DE JANEIRO, NO THEATRO DA PHENIX DRAMATICA
EM 27 DE FEVEREIRO DE 1869



TYP. AMERICANA—RUA DOS OCRIVES, 49
RIO DE JANEIRO

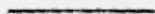
1869

41, 18, 6

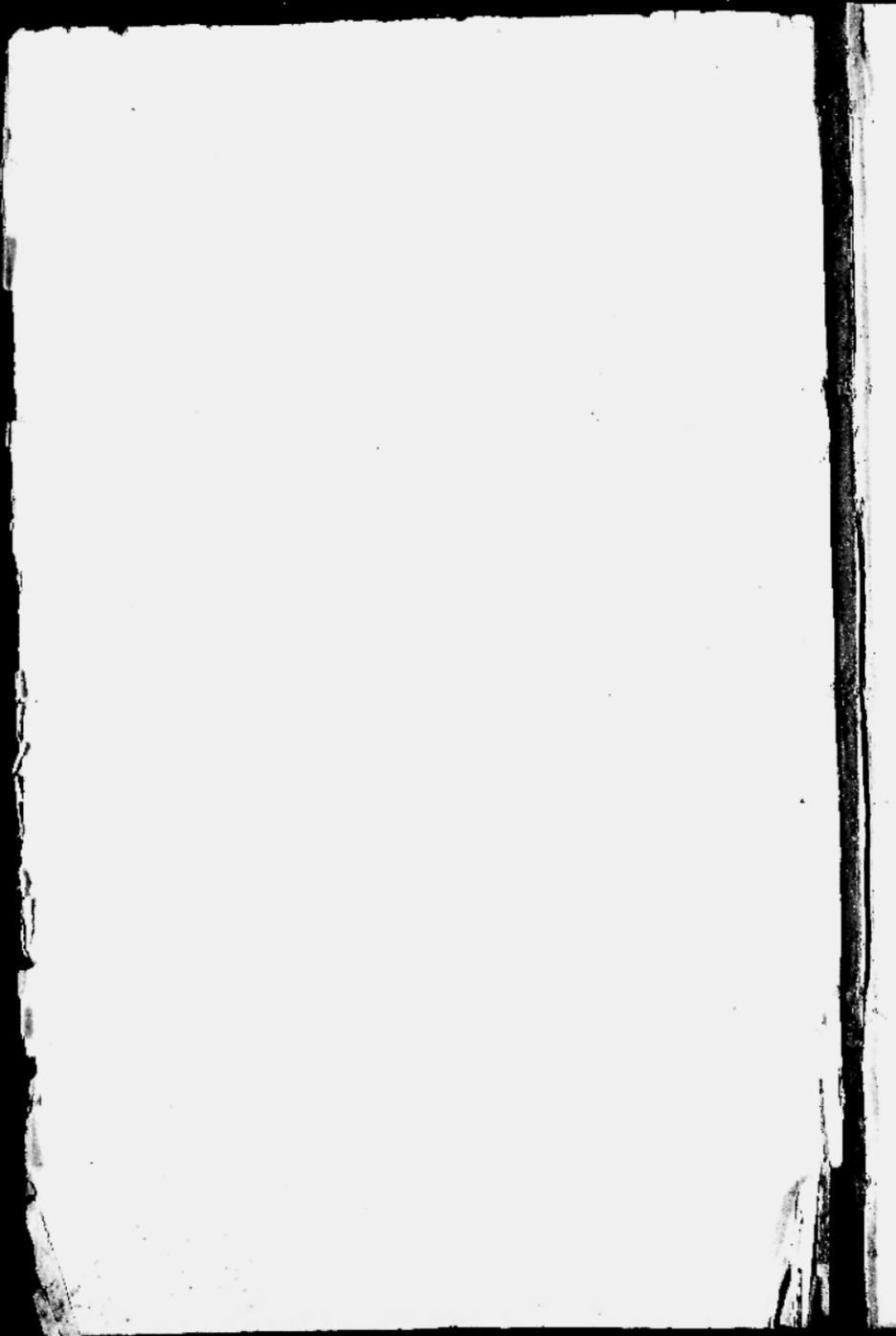


17234
1961

Quem representar ou reimprimir esta parodia, em qualquer provincia do Imperio, sem licença do autor, será por elle perseguido com todo o rigor da lei.



Previne-se aos empzarios dos theatros das provincias que esta parodia póde ser representada sem a parte phantastica. Para maiores esclarecimentos, dirijam-se ao autor, o qual se compromette a fornecer tambem a *partitura* com as letras.





ACTO I

EM BUSCA DE UMA AMA DE LEITE

Cabana do príncipe á direita, com um banco rustico na porta, cabana de Marianna á esquerda, tendo junto da porta um enorme cesto. Ao lado de cada cabana uma latada. Ao fundo penhascos irregulares com uma ponte toscã; mais longe uma cascata; no ultimo plano uma cordilheira, formada de cumes pontegudos.

SCENA I

Príncipe Assucar Candi e depois Marianna

O PRINCIPE

(Sae da cabana á direita, vae ao fundo, olha para todos os lados, desce a scena, e canta):

A natureza desperta já,
Desponta o sol lá no nascente;
O bezerrinho berra acolá
Pedindo á mãe que o amamente!

(Ouve-se cantar ao longe um gallo e berrar um novilhão). Canta o gallo, berra o novilhão! Estão todos acordados a esta hora; só ella dorme. Ella! A linda camponeza que habita ali e por quem morro de amores! Vou chamal-a com o meu flautim de que ella tanto gosta! (procura o flautim nos bolsos, zanga-se por não achal-o, vê-o sobre o banco, fica alegre.) Esqueci-o hontem á tarde aqui! (apanha o flautim, chega-se para a cabana da esquerda, e comeca a tocar. Do flautim sae um som igual ao de um trombone.) Apanhou sereno toda a noite e ficou ronco! (continua a tocar. Entra Marianna atrahida pelo som; o príncipe affasta-se, Marianna o persegue; especie de passo a dous burlesco. De repente o flautim deixa de

tocar. O príncipe sopra com força inutilmente, resigna-se e vai abraçar Marianna. N'este momento o flautim toca sózinho, os dous fogem com medo.)

MARIANNA.

Que susto!

PRÍNCIPE.

Meu flautim constipou-se e ficou com a voz presa na garganta! *(descem a scena abraçados e cantam):*

PRÍNCIPE.

Ha dous mezes sempre assim
Eu chamar venho meu bem,
Que mal ouve o meu flautim
A sorrir correndo vem!

MARIANNA.

Ha dous mezes sempre assim
Sou feliz como ninguem!
E mal ouço o seu flautim
Venho logo ver meu bem!

MARIANNA.

Dous amantes
Tão constantes
Como nós não ha terra;
Quaes pombinhos
Bem junliinhos.
Percorremos toda a serra!
De Cupido
Atrevido
Eu senti logo o ferrão,
Tão agudo
Tão pontudo
Traspassar-me o coração!
Foi aqui
Bem senti!
E' tão bom ser-se amada!
Mas segredo,
Tenho medo
Que mamãe fique zangada!
Certo dia
No pomar
Estando eu
A passear
Mal me viste... tu correste!
Oh! que beijo que me deste!

JUNTOS.

Dous amantes
Tão constantes
Como nós não ha na terra :
Quaes peminhos
Bem juntinhos
Percorremos toda a serra.
De cupido
Atrevido
Eu senti logo o ferrão,
Tão agudo
Tão pontudo
Traspassar-me o coração !

MARIANNA.

Na palhoça,
Cá na roça,
O amor
Tem sabor ;
Da cidade
A maldade
Faz a gente
Descontente.
Sim, na roça
Não faz moça
A riqueza
A grandeza !
O meu Chico
E' bem rico
Para mim
Mesmo assim !
Bem feliz um casal
Pode ser
Sim ! Sem ter o metal
Que põe no coração
O logo d'ambição.
Se teu peito já não tem,
Oh, meu bem,
De amor as quentes chammas

Mente, diz-me que me amas
Assegura-me...

PRINCIPE.

Eu te amo !

MARIANNA.

Tu me amas

bis.

JUNTOS.

Dous amantes
Tão constantes
Como nós não ha na terra ;
Ouaes pombinhos,
Bem junlinhos
Percorremos toda a serra.
De Cupido
Atrevido
Eu senti logo o ferrão,
Tão agudo,
Tão pontudo,
Traspassar-me o coração !

MARIANNA.

N'este jardim,

PRINCIPE.

Nosso prazer

MARIANNA.

Não terá fim

PRINCIPE.

Até morrer !

MARIANNA.

Sempre junlinhos,

PRINCIPE.

Sempre juntinhos,

MARIANNA.

Como pombinhos,

JUNTOS.

Tu me dirás!

Repetirás!

MARIANNA.

Eu te amo!

PRINCIPE.

Eu te amo?

AMBOS.

Eu te amo.

Tu me amarás!

} bis

MARIANNA.

(Fallando com ternura.) Meu Chiquinho!

PRINCIPE.

(Fallando com ternura.) Minha Marianna.

BOLOTA.

(Nos bastidores.) Anda, Bocca Negra! Agarra na vaquinha preta, meu cãosinho! Agarra n'ella!

MARIANNA.

(Com medo.) E' Bolota!

PRINCIPE.

(Com medo.) E' sua voz! Estou já com medo!

MARIANNA.

(Com medo.) E eu!

BOLOTA.

(*Nos bastidores, porém mais perto*). Ferra o dente, Bocca Negra! Eu vou aqui perto, e volto já!

MARIANNA.

Santo Deos! Toca a fugir!

PRINCIPE.

Sim, sim, fujamos! (*entra correndo á direita. Marianna á esquerda. Bolota entra pelo fundo praticavel*).

SCENA II

BOLOTA (*só*).

(*Desce*). Eu cá não sou de sopas na lingua! O que sinto, digo logo. E elle hoje hade ouvil-as tim, tim, por tim, tim! quer queira, quer não... e hade casar comigo, ainda que seja preciso amarral-o de pés e mãos! Se eu gosto tanto d'elle! Aquelle bigodinho prelo e sobretudo aquelles othinhos, tao accessos! fazem-me ancias como se livenessse tomado um *gomitorio*! E sua roupinha? Oh! quando o vejo assim todo verdinho, penso que é um prato de hervas e tenho impetos de comel-o. Eu gosto tanto de hervas... e... d'elle! Porque não hade elle casar comigo? Quem ha por aqui que valha mais do que eu? Sou alegre... querem ver! (*dá uma gargalhada*). Gozo saude... olhem só para isto! (*anda á roda para mostrar-se pela frente e pelas costas*) sou prendada; tenho bom genio, quando não me contrariam... que mais quer então o tal tratante? (*canta*).

Couplets.

1.º

Talvez que na villa haja caipira
Que faça como eu o requeijão;
Talvez haja quem saiba com embira
Pelos pés amarrar algum leitão!
Mas, por minh'alma!
Em amor ninguem me leva a palma!
Sim! sou Bolota,
Que a todos dá sempre az e sola!

2.º

Sabem todos que ninguém namora
Sem possuir ao menos um amante,
Cá o meu... é ali... ali que mora,
E' ali que reside o tal tratante!

Mas, por minh'alma!

Em amor ninguém me leva a palma!

Sim, sou Bolota!

Que a todos vai dando az e sota!

(Olhando para a cabana da direita). Ainda nada! Fazes-te surdo! Ora espera, que já te mostro como mando quatro soldados e um cabo rondar-te na freguezia dos beícos! *(Entra na cabana e saca logo, puzando o príncipe pela orelha).*

SCENA III

Bolota e o Príncipe.

BOLOTA.

Anda para cá!

PRÍNCIPE.

(Com voz de choro). Mi largue! Mi largue!

BOLOTA.

(Sentando-se no banquinho e pondo o príncipe no collo, como se fosse uma criança —ri). Ah! ah! ah! Que logro bem pregado! Heim?

PRÍNCIPE.

Mas que quer a senhora comigo?

BOLOTA.

Boa pergunta! Quero dizer que te amo!

PRÍNCIPE.

Outra vez?!

BOLOTA.

Por que não? Disse hontem, digo hoje, direi amanhã... sempre e a todas as horas... até o dia do juizo final. Eu cá sou assim! (*á parte, como quem está mastigando*). A roupinha verde!... O pralinho de hervas! (*alto, afugando-o*). Que olhinhos tão demoninhos!!!

PRINCIPE.

(*Debatendo-se*) Mi deixe!

BOLOTA.

Olha; eu te amo por muitos motivos. Em primeiro lugar porque preciso sempre amar alguém. Em segundo lugar, porque, como chegaste ha poucos dias, eras o unico cá da da terra que eu não tinha ainda amado. Em terceiro lugar...

PRINCIPE.

(*Atalhando*). Eu bem quizera amal-a, mas...

BOLOTA.

A mala? Vaes viajar? Queres abandonar-me? Ah! Comprehando tudo! (*levanta-se furiosa, deixando o principe cahir no chao*). Despresas-me, porque andas enrabiado pela vendedora de hortaliças, pela lambisgoia d'ali, e queres fugir com ella!... Mas está-se ninando! porque a primeira vez que encontral-a, heide obrigar-a a engulir todas as couves do seu quintal!

PRINCIPE.

(*Horrorisado*). Oh!

BOLOTA.

Porém o mais seguro é casarmos-nos antes. Vamos! (*Quer levar-o para o fundo*).

PRINCIPE.

(*Correndo para a esquerda*). Nunca!

BOLOTA.

Nunca?

PRINCIPE.

Nunca!

BOLOTA.

(*Agarra a um tamanco*). Vê lá! Não tens medo d'esta arma de fogo?

PRINCIPE.

(*Batendo o pé*). Nunca!!!

BOLOTA.

Ora espera! (*Corre sobre elle*).

PRINCIPE.

(*Atravessa para a direita, sobe e súa pelo fundo praticavel correndo*). Soccorro! Soccorro!

BOLOTA.

Ora espera! (*sua perseguindo-o. Musica na orchestra*)

SCENA IV

JABARACA e DEPOIS RAMALHO.

JABARACA.

(*Pensativo entra pela direita*). Venho buscar um ama de leite! Para não perder tempo, firo a primeira mulher, de qualquer sexo e idade que apparecer, levo-a à presença do grande Barba de Milho e elle lá que se havenha!

RAMALHO.

(*Dando-lhe de leve uma encapelação*). Amigo!

JABARACA.

(*Voltando-se e inclinando-se*). O Sr. Ramalho! O camarista d'El-Rei Pacova III aqui!

RAMALHO.

E' verdade. Folgo de encontrar-te, porque como tens fama de ser um homem extraordinario, que conversa com o diabo á meia noute, podes auxiliar-me na busca que venho dar.

JARARACA.

(Com ar modesto). Bondades de V. Ex.! Com o diabo não converso eu, mas sómente com seu filhinho mais velho, que é um excellente rapaz.

RAMALHO.

Que vens fazer aqui?

JARARACA.

Cumprir uma ordem de meu amo o poderoso Barba de Milho.

RAMALHO.

(Sorrindo). Ah! E' mais alguma das d'elle! Convem confessar que não ha na terra um ralão de mais gosto do que elle! Cinco mulheres em menos de dous mezes!

JARARACA.

Assim é!

RAMALHO.

Que fim dá elle a todas ellas?

JARARACA.

Eu sei lá, Sr. Ramalho! O que lhe posso assegurar é que enviuvou ante-hontem.

RAMALHO.

E' celebre! Se teu amo quizesse vender a receita, até eu, apesar de ser lão conquistador, casava-me.

JARARACA.

(Sorrindo sem vontade). Até eu! *(á parte)*. Disfarçemos!

Se o mariola desconfiasse, era capaz de denunciar-me ao inspector do quartel-irão.

RAMALHO.

Que ordem de Barba de Milho vens tu cumprir aqui?

JARARACA.

Venho buscar uma ama de leite.

RAMALHO.

Quantos filhos tem teu amo?

JARARACA.

Nenhum; mas como ainda póde vir a ter...

RAMALHO.

Acho que faz bem em ser tão providente.

JARARACA.

De certo! Para poder escolher uma ama à vontade, fiz o que costume sempre fazer em casos identicos. Porém, d'esta vez o meio que costume empregar falhou.

RAMALHO.

Que meio é?

JARARACA.

Armei um mundêu, bem disfarçado entre a verdura; chamei viúvas, casadas e solteiras; vieram todas, e puzeram-se a passarinhoar, correr, pular!... intelizmente a que calão no mundêu hontem era... uma velha de setenta annos!

RAMALHO.

(Rindo). Oh! diabo!

JARARACA.

Mandêi-a passear, e hoje lanco mão de outro meio ainda mais seguro, que é litar à sorte. Ellas estão a chegar; se quizer demorar-se um pouco...

RAMALHO.

Se quero! Talvez tenha de empregar hoje mesmo o seu meio.

JARARACA.

Vem tambem buscar uma ama de leite?

RAMALHO.

Não: venho buscar uma filha d'El-Rei Pacova III, meu amo. Haverá dezeseis annos casou meu amo com a formosa rainha Clementina, a qual cinco mezes depois... comprehendes? Meu amo, não gostando da graça, reuniu um conselho de mães de familia para resolver a questão. Opinaram todas n'este sentido: « As regras geraes da humanidade não tem applicação ás testas coroadas »!

JARARACA.

Eu tambem penso assim; tanto mais que a tal regra só deve ser applicada do segundo filho em diante.

RAMALHO.

Apoiado! Pacova III ficou satisfeito com a decisão do conselho; mas tres annos depois, tendo nascido um príncipezinho, el-rei achou que um casal de filhos fazia muita despeza, e resolveu desde logo engeitar a princeza, cuja authenticidade lhe parecia aiada um tanto vesga.

JARARACA.

Continue, Sr. Ramalho. Estou morto por saber o fim da historia. El-rei tornou a desconfiar: chamou em particular a formosa rainha e fallou-lhe em inglez (*faz gesto de quem dá pancada*). Ah! ah! continue, Sr. Ramalho!

RAMALHO.

El-rei chamou-me e ordenou-me em silencio que puzesse a princeza n'um cesto, e que depositasse o cesto na carroça do lixo. Cumpri a ordem.

JARARACA.

Deveras, Sr. Ramalho?

RAMALHO.

Por desgraça, o príncipe morreu de mal de sete dias, quando ia completar doze annos. No dia seguinte, estando a rainha a paillar os dentes, depois de almoçar uma gallinha preta... (Nolo que durante o luto pesado a rainha só comia carne de ave bem preta... para não quebrar o luto)... como ia dizendo, a rainha exclamou: « Paçova, tenho uma idéa vaga de que ainda nos resta uma filha! » El-rei respondeu: « Pode bem ser! » e para sahirem da duvida... el-rei chamou-me, deu-me suas ordens, puz-me logo em campo, fallei ao carroceiro, e aqui estou!

JARARACA.

Tem esperanza de encontrar a princeza?

RAMALHO.

Tenho toda, depois que aprendi contigo o grande meio, o acaso!

JARARACA.

Faz muito bem; assim não ha risco de enganar-se. *(O príncipe vem correndo pelo fundo. E, perseguido por Bolota, entra em casa e fecha a porta no momento em que Bolota ia entrar.)*

SCENA V

Os mesmos e Bolota.

BOLOTA.

Escapou-me das mãos como uma enguia!

JARARACA.

Ah! É Bolota!

BOLOTA.

(Fazendo uma mesura.) O Sr. Jararaca!

JARARACA.

Que andas fazendo?

BOLOTA.

(Muito cansada.) Estou tomando fresco.

RAMALHO.

(Agarrando-lhe na cintura.) Que mocetona de truz!

JABARACA.

(Agarrando-lhe no braço.) Olhe! toda ella é lombo de Minas!

RAMALHO.

Tão gorduchinha!

BOLOTA.

(Enche de vento as bochechas.)

JABARACA.

Que olhos seductores!

BOLOTA.

(Revira os olhos com ternura.)

RAMALHO.

Que lindíssimos dentes!

BOLOTA.

(Mostra os dentes.)

JABARACA.

E que boquinha mimosa!

BOLOTA.

(Faz a boca pequena.)

RAMALHO.

Bellíssima rapariga!

JABARACA.

Grande, bonita e appetitosa como um presunto de Lamego! *(A parte a Ramalho.)* Será esta a princeza?

RAMALHO.

(*À parte a Jararaca.*) Será esta a ama de leite?

BOLOTA.

Os serhores vieram aqui só para dizer-me cousas tão amaveis?

RAMALHO.

Só, só, só, só!

JARARACA.

(*No mesmo tom.*) Só, só, só, só!

BOLOTA.

Logo vi.

JARARACA.

Um o ti-sos; ali vem ellas, acudindo ao meu chamado. (*Sobe.*) Chi! Quanta gente! (*Camponezes e camponezas entram pela direita e esquerda, armados todos de cajãos enfeitados com fitas ou flôres. O escrivão traz papel, penna e tinte. Um camponez traz uma pequena mesa que põe no meio da scena.*)

BOLOTA.

(*Meu voz a Jararaca no proscenio.*) Olhe que quero ser acescollida.

JARARACA.

Impossível! Já ha uma que me dá seis perús, quatro boricós e dez d'ouros d'ovos. Empenhei minha palavra, e um homem de bem nao falta a ella!

BOLOTA.

Ora viva! Eu dou ainda mais! Dou (*Diz um segredo.*) Ande, meu Jararacazinha. Tenho tanta vontade de ir para casa do Barba de Milho!

JARARACA.

Porém...

BOLOTA.

Dou ainda mais ! (*Diz outro segredo.*)

JARARACA.

(*Regalando os olhos.*) Deveras ? Está dito ; rão a corda á outra !

SCENA VI

O *escrivão*, *Jararaca*, *Ramalho*, *Bolota*, *camponezes*, *camponezas*, e um *menino*.

(*Durante o coro Ramalho examina os rostos das camponezas.*)

CÓRO.

Bem juntinhos das latadas
Nos mandaram reunir ;
Que cousinhas engraçadas
Vamos nós aqui ouvir !

JARARACA.

Mulheres e homens que vos achais aqui,
Eu vos saúdo e vos digo ouvi :

Rondeau.

Contar-vos venho o que quer
O grande Barba de Milho,
Que dê lá, por onde der
Vae fazendo seu sarilho !
Meu amo disse : « Preciso
« D'uma boa ama de leite,
« Que, não tendo muito siso,
« Com meu genio se agite. »
Para cumprir tal mandato
Eu recorro á loteria,
Para quem sou sempre grato
Porque sempre me auxilia.
Cada uma sem demora
N'um papel faça escrever

O seu nome e onde mora
Para poder-se escolher.
Tal é em summa o que quer
O grande Barba de Milho,
Que dê lá, por onde der,
Vae fazendo seu sarilho!

TODOS.

Já sabemos o que quer
O grande Barba de Milho
Que dê lá, por onde der,
Vai fazendo seu sarilho!

JARARACA.

Agora seus nomes vão dar
Ao escrívão que os vai tomar.

CORO DE MULHERES.

(Rodeando o escrívão.)

Tome meu nome
E sobrenome,
Bello escrívão!
Que commoção
Já me agita o coração!

(O escrívão toma os nomes de cada uma, em pedacinhos de papel.)

BOLOTA.

(Aparte, levanta-se, desce a scena, e canta a meia voz.)

Irei ou não? Sim, irei ou não irei?
Ama de leite porque não poderei
Holá! como ellas tambem ser?

(Alto dirigindo-se ao escrívão.)

Eh!!! Bolota!... Queira escrever!

CORO.

Tambem Bolota? Então que tal?
Nunca se vio cousa igual!

BOLOTA.

Couplets.

1.º

Não tenho medo de debiques!
Eu cá não sou de tremeliques
Mulheris.
Ponho-as todas a tinir
Se a mustrada me subir
Ao nariz!
Mettam na boca uma rolha;
Se gritam, tudo irá raso?
Porque me excluem, se a escolha
E' só feita pelo acaso?

2.º

Se um rapaz quer me beijar
Eu não me ponho a berrar!
« Qui d'El-Rei! »

Vocês, que são tão lingidas,
Dão um cento às escondidas
Bem o sei!

Mettam na boca uma rolha;
Se gritam tudo irá raso!
Porque me excluem, se a escolha
E' só feita pelo acaso?

(Vae dar seu nome ao escrívão e volta ao meio da scena.)

JARARACA

(Ao escrívão.) Escreveu todos os nomes?

ESCRIVÃO.

Todos.

JARARACA.

Precisamos de uma cousa qualquer, onde se ponham os papeisinhos.

1ª MOÇOILA.

Serve este cestinho? *(mostra o enorme cesto, onde estão as hortaliça.)*

JARARACA.

Se chegarem dentro todos os papeis! (*põe os papeis dentro.*) Chegam; receei que fosse pequeno! Quem segurará no cestunho?

Eu.

RAMALHO.

JARARACA.

O Sr. Ramalho? Tanta honra! Agora vamos fazer a extracção. O primeiro nome que sahir...

BOLOTA.

(*Baixo a Jararaca.*) Não se esqueça de rôer a corda!

JARARACA.

(*Baixo a Bolota.*) Fica descansada; vou já fazer o feitiço. (*Declamando em alta voz e fazendo trejeitos.*) « Por « artes de berliques e berloques! Luz! Truz! Avestruz! « Uma, duas, tres! Passe! » (*Baixo a Bolota.*) E' n'um momento; viste? E ninguem deu pela cousa! (*Alto.*) Meu amo ordenou-me que, logo que se extrahisse a rifa, fosse a pessoa escolhida levada para seu palacete, vestida com pompa. Ora para que se não diga que houve patota, convém que a extracção seja feita por uma pessoa innocente.

BOLOTA.

Eu! (*Adianta-se.*)

TODOS.

Eu! eu! eu!

O MENINO.

Eu! eu! eu!

JARARACA, (*ao menino.*)

(*Indignado.*) Passa fóra, peralvilho! Vejam só quem quer passar por innocente! (*A um camponez.*) Anda lu cá. Em que é que te occupas?

CAMPONEZ.

(*Adiantando-se.*) Eu... (*Balbuca.*) Eu...

ESCRIVÃO.

Este homem acaba de sahir da cadeia, oude cumprio sentença de morte, por dez annos.

CAMPONEZ.

Não sei porque, o jury não quiz absolver-me....

JARARACA.

Coitadinho! O jury não te quiz absolver? Logo és innocente!

TODOS.

Apoiado! *(Batem palmas.)*

JARARACA.

(Agradecendo.) Merci! *(Ao camponez.)* Anda; tira do cestinho aquelle papelinho encarnadinho.

CAMPONEZ.

Este?

JARARACA.

Não; aquellesinho do cantinho. Sim; esse mesmo!

CAMPONEZ.

Eil-o. *(Dá a Jararaca.)*

JARARACA.

Não o abro, para que não suspeitem que houve ladroeira. Léa, Sr. Ramalho.

RAMALHO.

(Lendo) Bolota!

JARARACA.

Bolota!

MULHERES E HOMENS.

E' Bolota?

Foi patola,

Que fez o maganão!
Mas, para que vir protestar?
Do logro de escrivão
Já não nos é dado livrar!

(Um camponez leva a meza para dentro. Durante o câro Ramalho põe-se a examinar o cesto, mostrando violenta emoção.)

RAMALHO.

Sera talvez illusão minha,
Mas eu conheço esta cestinha!
De quem? De quem esta cestinha?

TODOS.

Esta cestinha?

RAMALHO.

De quem?

TODOS.

De quem?

RAMALHO.

Quem? quem? quem? quem?

BOLOTA.

E' a cestinha de Marianna,

TODOS.

E' a cestinha de Marianna,
Que mora aqui n'esta cabana!

RAMALHO.

Conheci muito sua avó;
Sahi, deixai-me só, só, só!

TODOS.

Saiamos, pois, pé ante pé,

RAMALHO.

Sahi, deixai-me só, só, só, sJ!

TODOS.

Sim, sim, sim, sim!
Saíamos, pois, pé ante pé,
Pé ante pé, pé ante pé!

(Durante a ultima parte d'este côro. Jararaca procura entre a hortaliça uma corôa de flores; como não acha, tem subitamente uma idéa: tira o chapéo da cabeça de Ramalho e o põe na de Bolota. No fim do côro dá a mão a Bolota e sahe com ella marcialmente pela esquerda alta, acompanhado pelas camponezas. Os camponezes saem pela direita.—Ramalho, quando Jararaca vae sair, toma-lhe o chapéo, e fica só em scena. — Os camponezes e camponezas retiram-se pé ante pé.)

SCENA VII

RAMALHO. DEPOIS MARIANNA.

RAMALHO

Marianna, disseram elles! E' celebre! (põe o cesto no fundo direito.) Muito celebre! (Vae bater na porta da cabana da esquerda.)

MARIANNA.

Quem é? (Sae.)

RAMALHO.

Sou eu. Não te admires. Venho contar-te uma cousa que ainda não sabes.—Não me interrompas... Julgas ser filha de algum d'estes lapuzes cá da terra? Já sei o que vae responder: « meu pobre pai, coitadinho! » e outras choradeiras quejandas! Pois fica sabendo que tudo isso é peta!

MARIANNA.

Ah!

RAMALHO.

Não me interrompas. Ora diz-me não tens nenhuma recordação do passado? Não te lembras de nada? Não tens uma ideia vaga, ao menos, do que te aconteceu quando tinhas dous mezes? Falla!

MARIANNA.

Eu...

RAMALHO.

Não me interrompas. Mas vê sempre se te lembras... A grandeza, a riqueza, a realceza... muitas joias... muitas luzes... muitos fidalgos... muita musica, bailes e foguetes... um homem com uma coroa na cabeça...

MARIANNA.

Uma corôa?

RAMALHO.

(*Ancioso.*) Sim, lembra-le! Lembra-le!.. Uma corôa na cabeça!

MARIANNA.

Nosso vigário tem corôa.

RAMALHO.

Não é isso... corôa de ouro... muito grande!.. Um marido que joga o socco com a mulher... Grandeza, Riqueza!.. Riqueza! Grandeza! Depois de repente... um cesto... um burro... uma carroça a andar... rrùm, rrùm! A criança a chorar... hi! hi! hi!... O trovão a roncicar... Bùm! bùm! bùm! Pobresa! Tristesa! Tristesa! Pobresa! Uma aldeia... bois, ganeos, cabritos, porcos... vê se te lembras de teus paes! Vê!

MARIANNA.

Eu não me lembro de nada!

RAMALHO.

(Com enthusiasmo.) Então és tu mesma! Sim! E's a filha do grande rei Pacova III, meu amo!

MARIANNA.

Eu?

RAMALHO.

Cala a boca, antes que appareça outra que lambem o seja. Vamos já para a côrte do rei teu pai. Mas antes de parlr, talvez queiras levar alguma recordação d'aqui - um pe de chicorea da tua horta, uma folhinha do Laemmerl, algum boneco que estimes...

MARIANNA.

Um boneco? Oh! Sim! *(Vae bater na porta da cabana da direita.)* Oh! Chiquinho! Chiquinho!

SCENA VIII

Os mesmos e o Príncipe.

PRINCIPE.

(Entra.) Que me queres?

RAMALHO.

(Admirado.) Que é isto?

MARIANNA.

E' o boneco que estimo!

RAMALHO.

Um boneco de molas, talvez, que chora e diz « papai e

mamãe ! » E esta ! *(Comprimindo a barriga do Príncipe.)*
Diga : « Papae ! Mamãe ! »

PRINCIPE.

(Imitando as bonecas que fallam.) Papãe ! Mamãe !

RAMALHO.

Magnifico ! Nunca os vi tão perfeitos, nem tão crescidos !
Queres deveras levá-lo comigo ?

MARIANNA.

Quero.

RAMALHO.

Já que o ordenas, Princeza !

PRINCIPE.

(Admirado.) Princeza !

RAMALHO.

Filha do poderoso rei Pacova III, meu amo, e da rainha
Clementina VIII, sua esposa !

PRINCIPE.

Oh !!!

RAMALHO.

(Subindo.) Camaradas ! Chegai á falla !
*(Entram diversos pagens, conduzindo um jumento,
ajeitado como cavallo de S. Jorge.)*

RAMALHO *(canta.)*

Sem receio no burrinho
Vá seguindo seu caminho !

TODOS.

Elle é um animal,
Que de ninguém falla mal.

MARIANNA *(ao Príncipe.)*

Sem receio no burrinho
Vou seguindo meu caminho !
Elle é um animal,
Que de ninguem falla mal.

TODOS.

Sem receio no burrinho
Vá seguindo seu caminho ; etc. etc.

(Marianna monta no burrinho. N'este momento apparece Barba de Milho sobre a ponte, acompanhado de seus homens d'armas, pára e admira Marianna. A seu tempo Marianna sáe montada pelo fundo esquerdo, acompanhada por todos.)

SCENA IX

Barba de Milho e homens d'armas.

(Quando o prestito sáe Barba de Milho desce a scena com sua gente.)

BARBA DE MILHO *(canta.)*

Inda uma, bem vêdes, é forte teima !
Sempre são ellas que me vem procurar,
Como a mariposa a luz que a queima
Procura sem cessar !

Couplets.

1.º

Minha primeira mulher
Deu a casca por comer
Muito angú de quitandeira !

HOMENS.

Muito angú de quitandeira !

BARBA DE MILHO.

A segunda e a terceira

E a quarta pobres d'ellas !
Esticaram !

HOMENS.

Esticaram !

BARBA DE MILHO

Esticaram as canellas !...
Sendo a quinta a mais bonita
Tambem quiz minha desdita
Que desse com os burros n'agua !

HOMENS.

Que desse com os burros n'agua !

BARBA DE MILHO.

Qual a causa de tal magua,
Oh ! ninguem o advinha !
Comeu bola a coitadinha ! ! !

HOMENS.

Comeu bola a coitadinha ! ! !

BARBA DE MILHO.

Eu sou o Barba de Milho
Stou viuvo ! Oh ! que sarilho !

HOMENS.

Elle é o Barba de Milho !
Stá viuvo ! oh ! que sarilho !

2.º

BARBA DE MILHO.

Já vos disse, já vos contei
Como foi que enviuei
Cinco vezes d'enfiada !

HOMENS.

Cinco vezes d'enfiada !

BARBA DE MILHO.

Ninguem, pois, deve estranhar
Que eu venha aqui buscar
Uma sexta !

HOMENS.

Uma sexta !

BARBA DE MILHO.

Uma sexta desposada !
Como a morte pôde um dia,
Tendo a ella antipathia.
Encerral-a sob a lousa !

HOMENS.

Encerral-a sob a lousa !

BARBA DE MILHO.

P'ra não ir tempo perdendo,
Vou a septima escolhendo
Como quem não quer a cousa !

HOMENS.

Como quem não quer a cousa !

BARBA DE MILHO.

Eu sou o Barba de Milho !
Estou viuvo ! oh ! que sarrilho !

HOMENS.

Elle é o Barba de Milho,
Está viuvo ! oh ! que sarrilho !

*(Entra Jararaca pela esquerda; os homens d'armas
sobem a scena.)*

SCENA X

Os mesmos e Jararaca.

BARBA DE MILHO.

Ah! és tu, Jararaca, meu peçonhento mór?

JARARACA.

Inclinando-se.) Sempre ás ordens de V. Ex. ?

BARBA DE MILHO.

Como tens passado?

JARARACA.

Melhor do que uns e peor do que outros, Excellentissimo!

BARBA DE MILHO.

Pouco abalo me dá tua saude. O que quero saber é quem é aquella pequena que lá vac tic-tac no burrinho, acompanhada pelo tal Ramalho, de gloriosa memoria!

JARARACA.

Onde a vê; é nem mais, nem menos, a filha do rei Pacova.

BARBA DE MILHO.

Bem bom! Bem bom! Hei de vel-a amanhã, quando fôr apresentar ao tal rei de copas minha futura mulher.

JARARACA.

(Horrorizado.) Sua futura mulher!

BARBA DE MILHO.

(Imitando.) Minha futura mulher! Sim! De que te espantas? Bem sabes que não posso viver solteiro, e tanto, que ha até por ahí linguinhas afiadas que me alcunham Traga-Moças, o que me faz subir a serra.

JARARACA.

Oh! é uma horrivel injustica!... Mas casar outra vez?!...

BARBA DE MILHO.

Sentes calafrios? Pois eu não; pelo contrario, tenho até vontade de rir!

JARARACA.

Tremo, porque como sou eu...

BARBA DE MILHO.

Basta! Sabem todos que és tu quem te encarregas, na qualidade de meu feiiceiro mór, de livrar-me d'ellas.

JARARACA.

(Com medo.) Mais baixo! Mais baixo! Se nos ouvissem!

BARBA DE MILHO.

Já que exiges, fallarei mais baixo. *(Eleva a voz.)* Quem as mata, és tu. Meu caracter é até poetico e... moral. Como amo todas as mulheres, vou casando com uma depois d'a outra, já que não posso casar com todas ao mesmo tempo. Se as camaras permittem accumulacão de empregos, porque prohibem accumulacão de mulheres?

JARARACA.

É uma injustica revoltante! Mas poderei ao menos saber quem e a nova esposa?

BARBA DE MILHO.

Idiota! Eu sei lá! Pensei que já me tinhas posto alguma de olho. Demais não tenho pressa. D'aqui até amanhã tenho tempo de sobra para escolher. Executaste minhas ordens?

JARARACA.

A respeito da ama de leite? Sim, senhor.

BARBA DE MILHO.

Que especie de creatura é ?

JARARACA.

E uma mulher.

BARBA DE MILHO.

Eu já desconfiava disso; mas que genero de mulher é ella ?

JARARACA.

E uma mulher do genero feminino.

BARBA DE MILHO.

Tomo nota d'esta particularidade. Parece ella com as outras mulheres que já tenho tido ?

JARARACA.

Muito: tem dois olhos, um nariz, duas orelhas. Parece-se muito com as outras.

BARBA DE MILHO.

Tanto melhor ! Já estou morrendo por ver a tal amazinha de leite ! Vae busca-la.

JARARACA.

É inutil; ella ali vem. *(Sobe.)*

(Entra Bolota com o seu sequito, pelo fundo esquerdo : o sequito faz a volta inteira da scena.)

SCENA XI

Os mesmos, Bolota (vestido branco e flôres enfiadas) camponezes e camponezas.

(O escrivão vem na frente do prestito, depois Bolota entre duas moças tambem vestidas de branco; uma d'ellas tra' uma almofadinha, a outra uma salva com uma rapadura. Todos os camponezes e camponezas estão enfeitados de flores. Chegando ao meio do theatro, Bolota para: as duas moças ficam atraz d'ella.)

TODOS.

Louvor! louvor!
Ao Deos Amor,
Que forçou o figurão
A dar logo sua mão
A uma simples aldeã,
Que encontrou esta manhã!
Louvor! louvor! Ao Deos Amor!

BARBA DE MILHO.

Com elleito, a pastorinha
Vai ser quasi uma rainha!

*(Duas moças tiram o veu de Bolota; esta muito com-
movida, saúda Barba de Milho, o qual no meio do si-
lencio geral se aproxima de Bolota, apalpa-lhe os
braços e o cachaço, e tral-a para o proscenio, onde canta
com enthusiasmo o que segue! :*

Que mulheraça!
É toda ella só toitico!
Oh! que cachaço tão rolico!
Braços assim, não é chalaça,
Teem mais valor, são mais bonitos
De que os magros, quacs palitos!
Que mulheraça!

TODOS.

Que mulheraça!

BARBA DE MILHO.

Que mulheraça!
É forte como um carvalho!
Tem cada pulso que é um malho!
Oh! se um dia, por desgraça,
Ella lembrar-se de sovar-me,
É bem capaz de desancar-me!
Que mulheraça!

TODOS.

Que mulheração!

(A moça, que tem a almofadinha, a deposita aos pés de Bolota. Esta ajoelha logo.)

JABARACA. *(a Bolota)*

Graças à tua grande ventura,
A firtar vais agora comer rapadura!

COROS.

Para Bolota, oh, que ventura!
Poder assim ter sempre rapadura!

JABARACA.

Calados fiquemos!
Barba de Milho agora escutemas!

BARBA DE MILHO.

(Entrega a rapadura a Bolota.)

Ao receber este pe'isco,
Que ao paladar tanto agrada,
Prometter podes tu sem risco
Que sempre hasde ser honrada!

BOLOTA *(levanta-se.)*

Sempre honrada he' de ser!
Custa tão pouco prometter! *(ajoelha.)*

BARBA DE MILHO.

Se eu agora n'este instante,
De espo-o a mão de ofertar,
Promettes tu sempre constante
A fé jurada respeitar?

BOLOTA *(levanta-se.)*

Sempre constante he' de ser!
Custa tão pouco prometter!

BARBA DE MILHO.

Ides ver, plebeus, fidalgos,
Como adiante da rotina
Corro mais que os propios galgos
Quando saltam na campina!
Mandei buscar aqui por este bigorriha

(Mostra Jararaca)

Uma ama de leite, mas por fatalidade
Não tendo eu sequer um só filho ou filha
Que esteja de mamar inda na idade,
Caso com ella, muito embora
Não seja senão uma pastora!

CORO *(admirado.)*

Uma pastora!

BARBA DE MILHO.

Esta pastora!

JARARACA *(rindo á sorrelfa.)*

Oh! que pastora!

BOLOTA *(admirada.)*

Que é assim devo eu crer?

BARBA DE MILHO.

Porque não hade ser!

BOLOTA.

Oh, para mim que prazer!

JARARACA *(baixo a Bolota.)*

De casar com tal homem não tens receio?

BOLOTA.

Ter receio?

Oh, nunca desde que nasci
Eu, o receio conheci!

BARBA DE MILHO.

Eu que, bem sabem, sou finório,
A' casa os levo agora.
Vamos tratar do cazorio
Sem mais perder uma só hora!
N'essa moçoila a bellera
Oh, não é o unico dom;
Porque em tudo a natureza
Fel-a X. P. T. O. London!

CORO

Oh, Sim! Em tudo a natureza
Fel-a X. P. T. O. London!

BARBA DE MILHO.

Já, já, partamos!
Já, já, corramos!
A vida para mim
Será sempre assim!
Já, já, partamos!
Já, já, corramos!
Em cousas de amor
Correr tem mais sabor!

TODOS (*menos Bolota.*)

Já, já partamos!
Sim, sim, corramos!
A vida para nós
Vai sempre tão veloz!
Sim, sim, partamos! etc. etc. etc.

BARBA DE MILHO.

Sim, sim, corramos! etc., etc.

BOLOTA.

(Aparte, olhando Barba de Milho.)

Bem sei que elle é má biscoa,
E que tem certa manha;
Porém quem nunca se artísca
Nunca perde, nem ganha! *(sobem.)*

TODOS *(sobem.)*

Já, já! partamos!
Já! já! corramos!
Assim ao passo
E a compasso
Senão é masso!
Depois a trote,
Dando pinote
Come um garrote!
Por fim, hop! hop!
Muito a galope!
Hop lá! hop lá!
Tra lá lá lá lá!

JARARACA.

Mocinhas, mulheres, velhas,
Morenas, clarinhas, vermelhas
Correi aqui todas parelhas!

(Durante o câro que seque o prestito põe-se em movimento, partindo da esquerda para a direita, atravessando a scena baixa e encaminhando-se para a montanha. Jararaca e o escrivão dirigem o prestito.)

TODOS.

Já! já! partamos!

BARBA DE MILHO *(dando a mão a Bolota.)*

Eu sou o Barba de Milho.
Stou' viuvo! Oh, que sarilho!

CORO.

Elle é o Barba de Milho.
Stá viuvo! Oh, que sarilho!

(No alto da montanha, Barba de Milho e Bolota param e saudam os camponezes, que, ainda em scena, agitam seus chapéos.)

FIM DO 1º ACTO.

ACTO II

Sala rica no palacio de Pacova. Porta larga ao fundo: duas portas á direita, duas á esquerda.

SCENA I

Alvaro. Cortezãos, DEPOIS Ramalho. DEPOIS UM Pagem

(Alvaro occupa o primeiro lugar á esquerda entre os cortezãos.)

CORO.

Que folgança
Sem tardança
Vamos todos aqui ter!
De Pacova
Filha nova
N'esta hora vamos ver!

RAMALHO.

(Entra pelo fundo, pensativo, aparte).

Serei Cesar um dia ou João Fernandes?

CORO.

Traz baixa a crista
O tal camarista!

RAMALHO.

(Saudando).

Ah! vivam meus senhores!

CORO.

Só somos servos seus!...

RAMALHO.

Servos meus é mentira! O que vós sois eu sei!
Refinados glotões que procurais sómente
Encher o bandulho á custa do rei,
Passando por honrada gente!
Já ides ver... vamos cantar.

CORO E ALVARO.

Vamos cantar.

RAMALHO.

Não ha vida mais massante
Do que a do camarista;
Se não tem muito desplante
Por um nada se malquista.
Elle deve bajular
E com geito sempre dar
Muito mel,
Muito mel
Pelos beijos da rainha,
Quando não, não vê farinha!

CORO.

Elle deve sempre dar etc., etc.

RAMALHO.

Se o rei tem dôr de dente,
Quem vai ter com o dentista
Pra servir de paciente
E' o pobre camarista!
Elle deve bajular
E com geito sempre dar,
Muito mel,
Muito mel
Pelos beijos de Pacova
Quando não apanha sova!

CORO.

Elle deve sempre dar., etc., etc.

RAMALHO.

(Aparte). Tenho vergonha de ser cortezão, quando me lembro que todos estes homens, cobertos de filulos e condecorações não são senão manequins da vontade do rei! E' tal o espirito de bajulação n'elles, que até tingem sentir as dôres que o rei sente, chegando mesmo alguns a ter suas especialidades. Um, por exemplo, é representante do estomago, outro do coração, outro da cabeça, outro de... de todo o corpo enfim d'el-rei, nosso amo! Miseráveis, que não conhecem o que é a independencia de caracter!.. Querem ver? *(alto)*. Como tens passado Alvaro?

ALVARO.

Não sei; Sua Magestade ainda não se dignou de dizer-me como passei hoje.

RAMALHO.

(Ao publico). Estão vendo? São todos as im!

1º PAGEM.

(Entra pela direita e annuncia). Sua Magestade Pacova III! *(Fica ao fundo)*.

RAMALHO.

(Aos cortezãos com ayudamento). Sua Magestade, nosso amo! *(Os cortezãos deixam de formar circulo em torno de Ramalho, e correm apressadamente para a esquerda, onde se collocam em duas linhas, ficando Alvaro sempre no primeiro lugar.)*

SCENA II

Os mesmos. Pacova, ACOMPANHADO POR OUTRO PAGEM.

(Pacova entra pela direita. Os cortezaos e Ramalho inclinam-se respeitosamente, até ficarem de cócaras e com as faces proximas do chão. Alvaro inclina-se menos do que os outros. Pacova percorre as linhas de corte-

zãos, mostra-se muito satisfeito. O pagem sobe e põe-se ao lado do outro!

PACOVA.

Muito bem! Muito bem! Já estão quasi lambendo o chão!
(Vendo Alvaro.) Ah!... Logo vi; é o Sr. Alvaro... o menino bonito ca de casa! (Com impaciencia.) Mais baixo! Mais baixo! (Alvaro abaixa-se um pouco.) Ainda mais! Ainda mais! (Alvaro abaixa-se mais um pouco.) Ah! estás-te fazendo melhor que os outros? Ora espera! Para grandes males, grandes remedios! (Senta-se sobre a cabeça de Alvaro, obrigando-o a abaixar-se tanto como os outros.) Bravo! Assim mesmo!... Estou muito a meu gosto! (A Alvaro.) Hei de nomear-te pollrona-mór da corte... Dás excellente commodo! (A Ramalho.) Sr. Ramalho, leia o programma das festas d'esta noite.... Que boa cadeira! (Embalança-se.) E e de balanço!

RAMALHO.

(Lê um papel que um pagem lhe dá.) A's 8 horas recepeção do Príncipe Assuear Candi, que vem unir-se á Princeza Yává pelos laços do hymeneu.

PACOVA.

(Sempre sentado.) O que? Laços?.. Quem foi que creveu este programma?

RAMALHO.

Foi o Sr. Alvaro.

PACOVA.

(Levanta-se e põe-se de cócaras diante de Alvaro.) Ah!.. Foste tu? Apanhei-te cavaquinho! Ficas desde já condemnado a soffrer a pena de tres mezes de febre intermittente, a começar de amanhã... Laços do hymeneu! Que ideia!.. Não sabes que.... (levanta-se)... não sabes que os laços. podem ser lassos, e como laços desatarem-se facilmente? Querias sem duvida que meu genro, puxando uma das pontinhas, desatasse um dia o laço matrimonial (desata

a gravata de Ramalho) e se desquitasse de minha filha!
(Com energia) Nada!.. Diga antes: nó cego, nó bem cego!

TODOS OS CORTEZÃOS.

Bravo! Apoiado! Muito bem! (Batem palmas.)

PACOVA.

(Commovido.) Obrigado! (Enxuga uma lagrima na ponta da gravata de Ramalho.) Como é bom ser assim amado por seus subditos (A Alvaro.) Não me refiro ao senhor. (Bate com o pé no chão duas vezes.) Pan! Pan! Erguei-vos! Recomece a leitura, Sr. Ramalho. (Os corte-zãos erguem-se.)

RAMALHO.

(Lendo.) Às 9 horas recepeção do príncipe Assucar Candi, que vem unir-se á princeza Yává pelo nó cego do hymeneu. O príncipe será recebido no jardim pelos corte-zãos, que cantarão a cantata n. 3. (Cantando.)

Arvoredo tu já viste...

ALVARO, (muito desafinado)

A minha Jonia mimosa!

PACOVA.

(A Alvaro.) Assez!!! (A Ramalho.) Continuez, Munsii Ramalho!

RAMALHO.

(Lendo.) Depois será o Príncipe conduzido á presença do Rei, da Rainha e da Princeza, a qual abaixará com pudor os olhos, vendo presente o seu futuro.... (Sem ler.) Presente e futuro ao mesmo tempo, isto não pôde ser, creio eu.

PACOVA.

(Rindo.) Escrever presente e futuro ao mesmo tempo.... é para ficar passado!

ALVARO.

Porém...

PACOVA.

(*A Alvaro*). Assez!!! (*a Ramalho*) Continuez, munsii Ramalho!

RAMALHO.

(*Lendo*). A's 10 horas recepção do grande Barba de Milho e de sua nova esposa. Cantata n. 9.

PACOVA (*cantarola e dança*).

Elles já ahi vem!
Que casal de galletas!

(*Muito serio*). Continuez!

RAMALHO.

(*Lendo*). O grande Barba de Milho, que é homem com quem não se brinca, será recebido com todo o apparato na sala de honra.

PACOVA.

Sim, aqui... na sala mais rica... (*Voltando-se rapidamente para Alvaro*). O que é que está dizendo? Não ouve? Responda!

ALVARO.

Eu...

PACOVA.

Silencio! Continuez, munsiu Ramalho!

RAMALHO.

A's onze horas será celebrado o casamento do principe com a princeza. Cantata n. 22.

PACOVA (*cantando muito serio*).

Hymeneu jovial !

Hymeneu sem igual !

(*Rindo*). Continuez !

RAMALHO.

(*Lendo*). A' meia noite fogo de artifício, e artificios de fogo, taes como : perús recheiados, cannas assadas e pipócas. Terminará a festa com um samba... de pôr tudo bambo ! (*entrega o papel ao pagem*).

PACOVA.

De quem é a idéa do samba ? (*breve silencio. Os cortezãos ficam indecisos*). Boa idéa !

TODOS.

(*Ao mesmo tempo*). E' minha ! E' minha !

PACOVA.

Ha muito tempo que não danço. Talvez esteja esquecido ! Não seria máo ensalarmos um pouco... para não nos espiçarmos logo.

RAMALHO.

Certamente !

OS CORTEZÃOS.

Certamente !

PACOVA.

Vamos então a isso ! (*A orchestra executa um samba*).

PACOVA.

E' inútil recommendar que todos venham de camisa lavada ! (*bate duas vezes no chão*). Pan ! Pan ! Não todos ver

se estou lá fora e não voltem enquanto não me acharem.
Até logo! Alvaro fica... temos que conversar.

CORO DE CORTEZÃOS.

Elle deve sempre dar
Muito mel, etc., etc.

(Os cortezãos, menos Alvaro e Ramalho, saem pelo fundo. Os pagens saem pela direita).

SCENA III.

Alvaro. Pacova, Ramalho.

PACOVA.

(A Alvaro). Tenho graves razões de queixa de sua senhoría!

ALVARO.

De mim?

PACOVA.

Sabe o que foi que fizeram a Lucrecia Borges? Não? Pois eu lhe conto. Lucrecia Borges, avó materna de Jararaca, meu peçonhento mór, era uma celebre fabricante de veneno, que dea muito que fallar. Um dia, estando ella dormindo o tranquillo somno da innocencia, uma meia dezia de valdevinos, que tinham morrido na vespera envenenados por ella, juraram vingança, correram á sua casa, em cuja porta havia uma tabeleta com seu nome e... zás!... bifaram-lhe a primeira letra do nome!

ALVARO.

(Rindo). Ah! ah! Bem lembrado! Então em vez de Lucrecia, ficou somente Uceria! Ah! ah! ah! Bem lembrado!

PACOVA.

(Rindo). Ah! ah! ah! Tal qual! *(muito serio).* Não é isso! *(a Ramalho meia voz).* Não te parece que o patife

está cassoando comigo? (*A Alvaro*). Não é isso! Bifaram a primeira letra do nome Borges. Comprehendes agora o espirito da idéa!

ALVARO.

Comprehendo! Em vez de Borges, ficou: Orges.

PACOVA.

A-q-u-i... qui! Acertaste!

ALVARO.

Porém que significa: Orges?

PACOVA.

Eu sei lá! Mas parece que é cousa má, porque a tal Lucrecia encordoou deveras! (*com malicia*). Eu faço a mesma graça, bifo-te a ultima letra; por isso em vez de Alvaro ficaras sendo...

ALVARO.

(*Como quem calcula*). A minha ultima letra é um O. Por tanto se elle me tirar o...

PACOVA.

(*Interrompendo*). Em vez de Alvaro, serás somente: Alvar! (*ri*) Ah! ah! ah!

RAMALHO.

(*Ri*). Ah! ah! ah!

ALVARO.

Mas porque? Que crime commetti eu?

PACOVA.

(*Severo*). Ainda perguntas? Hontem tive minha enchaqueca, e não tomaste o vomitorio do costume.

ALVARO.

Porém, quem está encarregado da repartição da cabeça

é o Guedes! Eu sou official maior da recebedoria do estomago!

PACOVA.

Fez bem em recordarm'o. Não tenho passado bem; sinto uma dorsinha aqui... (*põe a mão sobre o estomago*).

ALVARO.

Aqui? (*mostra no seu estomago a parte correspondente áquella em que o rei diz ter dor*).

PACOVA.

Mais para cima! Ah! (*a Ramalho*) Applique amanhã no estomago do Sr. Alvaro doze sanguesugas, e deixe-as sangrar ate que esta minha dôr desapareça.

ALVARO.

Já ando tão debilitado! Ha 15 annos sempre de dieta rigorosa!

PACOVA.

Não quer deixar-se medicar? Quer que eu morra de gastrite? Isto é uma tentativa de regicidio! Oh! que commoção!! Este abalo fez-me peiorar muito! (*Quasi desmaia. Ramalho ampara-o*). Que dôr! Que dôr aqui!

RAMALHO.

(*A Alvaro*). O rei está soffrendo! Gema e chore para alivial-o!

ALVARO.

(*Gemendo*). Ai! ai!

PACOVA.

(*Com voz sumida*). Vou-me sentindo um pouco melhor; mas para que esta dôr não volte, applique-lhe tambem venozas sarjadas desde os pés até a cabeça! (*A Alvaro*). Podes retirar-te.

ALVARO.

(*Sae chorando*). Ai! ai! (*sae pelo fundo*).

SCENA IV

PACOVA E RAMALHO.

PACOVA.

(Alegre). Que me dizes ao da rabeça?

RAMALHO.

Como? Ainda quer mais effusão de sangue?

PACOVA.

De certo.

RAMALHO.

Já lá se foram quatro!

PACOVA.

Quatro?!

RAMALHO.

Quatro pessoas que tiveram a desgraça de incorrer na sympathia da rainha Ciumentina, vossa esposa! Quatro pessoas que por vossa ordem dormem o somno eterno do sepulchro!...

PACOVA.

(Horrorizado.) Quatro!... Somno eterno!... minha ordem!... sepulchro!... Oh!!!

RAMALHO.

Começo a ter remorsos! Basta, magnanimo rei!...

PACOVA.

Sim; basta... se a rainha não gostar de mais ninguém.

RAMALHO.

Porém, ella não gosta de Alvaro!...

PACOVA.

Mas póde vir a gostar. *Cautella me fecit!*... Mate este, depois veremos o que convém fazer.

RAMALHO.

Custa-me tanto!

PACOVA.

(Acariciando-o.) Mais um só, sim? Umzinho só, meu Ramalho?

RAMALHO.

Pede com tão bom modo!

PACOVA.

Fallemos agora dos negocios do estado. *(Assobia duas vezes, entra um pagem.)* Traz-me aquillo. *(O pagem sahe e torna logo a entrar trazendo um retrato.)* O meu retrato? É isso mesmo!

RAMALHO.

(Examinando.) Não se parece nada!

PACOVA.

Nada absolutamente. Mas o pintor teve intenção de fazer o meu retrato, respeitemos suas intenções. A boquinha não está má; repara! *(Põe o retrato sobre a mesa e começa a miral-o.)* Os olhos são os espelhos da alma; por isso, quando quero saber o que minh'alma sente, olho para meus olhos. Ora vamos a ver que idea faço do tal grande Barba de Milho. Vejamos! *(Põe os olhos e mira o retrato.)* Holá! Sabes o que penso a respeito?

RAMALHO.

Não; mas concordo com a opinião de Vossa Magestade.

PACOVA.

Eu tambem. *(Continúa a examinar o retrato.)* É celebre! Vejo por aqui que acho incomprehensivel o comportamento de Barba de Milho! Olha! *(Ramalho examina o retrato.)* Vês que má idéa faço do tal mariola!

RAMALHO.

(Examinando o retrato.) Que olhos chammejantes!

PACOVA.

Podera! Cinco mulheres despachadas para outra vida!
Convém punir!

RAMALHO.

Vossa Magestade não deu também o mesmo despacho a
cinco homens?

PACOVA.

Eu? É boa! Na qualidade de rei despacho quem quero;
porém elle... um príncipzinho de cacaracá!...

RAMALHO.

(Abaixando a voz.) Cuidado! Não vá elle ouvir! *(Olha
em torno.)*

PACOVA.

(Muito baixo, com medo.) Porque? *(Olha em torno.)*

RAMALHO.

(Voz cavernosa.) Porque tem genio muito forte, e é chefe
de uma malta de capoeiras, que para darem uma facada não
cochilam!

PACOVA.

(Horrorisado.) Oh!!!

RAMALHO.

Melhor será fingir não saber, nem ver cousa alguma.

PACOVA.

(Fecha os olhos.) Está dito... não verei... serei cêgo como
um fiscal da Praia do Peixe.

RAMALHO.

Ficamos então entendidos?

PACOVA.

Entendidíssimos! *(Com prosapia, passando à direita.)* Cá
comigo ninguém brinca!

SCENA V.

Os mesmos. 2.^o Pagem. DEPOIS A rainha, ACOMPANHADA
POR OUTRO Pagem.

SEGUNDO PAGEM.

(*Annunciando.*) A rainha!

PACOVA.

Minha mulher! (*Ao publico.*) Vão vel-a! Não digo mais nada! Reparem só no nariz... arrebitado... atrevido... capaz de fazer perder as estribeiras a um burro de gondola, quanto mais a mim!... Se ha por abi alguém que sympathise com ella... e favor dizer; cedo-a pelo custo, e ainda pago o carreto!...

CIUMENTINA.

(*Entrou pouco antes, e veio descendo lentamente.*) Aqui estou! (*Diz isto ao ouvido de Pacova muito alto.*)

PACOVA.

(*Assusta-se, reconhece a rainha. e diz com voz melliflua*) Felizmente! Estava com tantas saudades tuas, meu anjinho, minha vida, meu unico conforto! (*Meia voz ao publico.*) Cedo-a pelo custo e pago o carreto!

CIUMENTINA.

Preciso fallar-lhe em particular.

PACOVA.

(*Á parte.*) Temol-a travada! (*Alto.*) Retire-se, Sr. Ramalho, e não se esqueça da minha recommendação a respeito do menino bonito...

CIUMENTINA.

Esse menino bonito, de quem fallam, será Alvarosinho?

PACOVA.

Não! (*A Ramalho baixo.*) Estás ouvindo? Ainda tens escrupulos? Redul-o a almondegas, anda!

RAMALHO.

Com muito gosto. (*Sae pelo fundo. Pacova segue-o fallando-lhe em segredo; depois desce e colloca-se á esquerda baixa. Ciumentina fica á direita baixa. Os pagens saem.*)

SCENA VI

Pacova. Ciumentina

PACOVA.

(*Batendo o queixo de medo, à parte.*) Brú!... Brrú!
Quando estou só... com ella... é sempre assim... tremo como taquaras verdes... Não é medo, não! É nervoso!

CIUMENTINA.

Csi! csi! csi! csi! (*Chamando, como quem chama um cachorrinho.*)

PACOVA.

(*Admirado.*) O que?

CIUMENTINA.

Csi! csi! csi! csi!

PACOVA.

(*Uiva e rosna como um cachorrinho.*) Uúúum! Uúúum!

CIUMENTINA.

Csi! csi! csi!

PACOVA.

(*Rindo.*) Ah! ah! ah! Não tinha reparado que era brincadeira! Esta minha mulher é tão engraçadinha!

CIUMENTINA.

Engana-se! Estou fallando sério!

PACOVA.

Logo vi. Cá comigo ninguém brinca!

CIUMENTINA.

Será preciso chamal-o outra vez ?

PACOVA.

(*Admirado.*) Gente ! Então isto (*imita o chamado*)... era comigo ? (*rindo*) Ah ! Ah ! Ah ! (*fica muito serio e diz baixo ao publico.*) Pago o carrello e ainda dou de quebra cem accções da companhia Ferry.

CIUMENTINA.

(*Zangada.*) Vem ou não ?!..

PACOVA.

(*Vae atravessando devagar e andando de lado.*) Pois eu não estou indo ? (*ao regente da orchestra, a meia voz*) Aproveite a pechincha ! Dou de quebra cem accções da companhia...

CIUMENTINA.

(*Chegando-se a elle.*) Digo que é pouco!..

PACOVA (*á parte.*)

Ella mesmo confessa ser pouco ; então, em vez de cem, dou mil accções da...

CIUMENTINA.

Digo que é pouco... muito pouco provavel que minha filha case hoje, como o Sr. deseja.

PACOVA.

Nossa filha ?

CIUMENTINA.

Minha filha !

PACOVA.

(*Á parte.*) Eu digo : nossa filha ; e ella diz : minha filha ! Aqui ha cousa !

CIUMENTINA.

Minha filha não hade casar com quem o Sr. deseja, porque ama outra pessoa.

PACOVA.

Que tem isso?... Ama um e casa com outro.

CIUMENTINA.

Quer que até n'isto ella se pareça comigo?

PACOVA.

Mau! Mudemos de conversa!

CIUMENTINA.

O que aconteceu comigo, acontecerá com ella! Casa uma mulher moça e bonita com um homem velho e horrendo... uma cara como esta... (*mostra Pacova*) e ainda por cima maleriado, perguicoso, desenhabido... um perrengue, emlim!

PACOVA.

Perrengue? Pois eu sou perrengue, Ciumentina?

CIUMENTINA.

E depois queixam-se, se...

PACOVA.

(*Interrompendo.*) Está bom! Mudemos de conversa! O cambio ainda não chegou a 20?

CIUMENTINA.

(*Prosequindo.*) Queixam-se das mulheres, quando elles são os unicos culpados...

PACOVA.

Mudemos de conversa! Ainda gostas muito de salada de lagosta com rodelasinhas de ovos cozidos, azeitonas, cebolas...

CIUMENTINA.

Queixam-se, entretanto... (*Canta.*)

Couplets.

1.º

Dos desvarios da mulher
Tem sempre culpa o marido,
Que põe as cousas a perder
Por querer ser intrometido.
E' mesmo para aborrecer !
Depois se queixa se ella ama
Outro mortal que em seu peito
Soube atear de amor a chamma !
De se queixar não tem direito :
Foi elle que armou a cama !

2.º

Um atrevido vem um dia
A' nossa honra dar ataque
Elle é esperto qual enguia
E o marido é basbaque ;
Diz : que mulher resistiria ?
Depois se queixa se ella ama
Outro mortal que em seu peito
Soube atear d'amor o facho !
Um casal vive satisfeito,
Quando o marido é capacho !

PACOVA.

(*Supplica.te.*) Pois sim ! Mas mudemos de conversa !

CIUMENTINA.

Insisto n'este ponto, porque está em jogo a felicidade de
minha filha !

PACOVA.

(*Aparte.*) Minha filha ! . Outra vez !. Aqui ha cousa !
(*alto*) Ora qual, *nossa* filha está morta por casar, seja lá
com quem tor. São todas assim.

CIUMENTINA.

Minha filha não hade casar com quem o Sr. deseja, porque ama outra pessoa.

PACOVA.

Que tem isso?... Ama um e casa com outro.

CIUMENTINA.

Quer que até n'isto eila se pareça comigo?

PACOVA.

Mau! Mudemos de conversa!

CIUMENTINA.

O que aconteceu comigo, acontecerá com ella! Casa uma mulher moça e bonita com um homem velho e horrendo... uma cara como esta... (*mostra Pacova*) e ainda por cima malcriado, perguicoso, desexabido... um perrengue, enfim!

PACOVA.

Perrengue? Pois eu sou perrengue, Ciumentina?

CIUMENTINA.

E depois queixam-se, se...

PACOVA.

(*Interrompendo.*) Está bom! Mudemos de conversa! O cambio ainda não chegou a 20?

CIUMENTINA.

(*Proseguindo.*) Queixam-se das mulheres, quando elles são os unicos culpados...

PACOVA.

Mudemos de conversa! Ainda gostas muito de salada de lagosta com rodelasinhas de ovos cozidos, azeitonas, cebolas...

CIUMENTINA.

Queixam-se, entretanto... (*Canta.*)

Couplets.

1.º

Dos desvarios da mulher
Tem sempre culpa o marido,
Que põe as cousas a perder
Por querer ser intrometido.
E' mesmo para aborrecer !
Depois se queixa se ella ama
Outro mortal que em seu peito
Soube atear de amor a chamma !
De se queixar não tem direito :
Foi elle que armou a cama !

2.º

Um alrevido vem um dia
A' nossa honra dar ataque
Elle é esperto qual enguia
E o marido é basbaque ;
Diz : que mulher resistiria ?
Depois se queixa se ella ama
Outro mortal que em seu peito
Soube atear d'amor o facho !
Um casal vive satisfeito,
Quando o marido é capacho !

PACOVA.

(*Supplica..te.*) Pois sim ! Mas mudemos de conversa !

CIUMENTINA.

Insisto n'este ponto, porque está em jogo a felicidade de
minha filha !

PACOVA.

(*Aparte.*) Minha filha ! . Outra vez !.. Aqui ha cousa !
(*alto*) Ora qual, *nossa* filha está morta por casar, seja lá
com quem for. São todas assim.

CIUMENTINA.

Para convencer-se do contrario, vá ver o que ella está fazendo lá dentro.

PACOVA.

O que é? (*Ouve-se barulho de louça quebrada.*)

CIUMENTINA.

Ouve? Está quebrando todo o apparelho.

PACOVA.

Estou perdido! As camaras não incluíram no orçamento verba especial para louça! Vou ver se ainda salvo... ao menos a terrina! (*Vai subir, novo barulho de louça quebrada mais perto.*)

CIUMENTINA.

É tarde! Yáyá ahi vem!

SCENA VII

Os mesmos e a Princesa.

PRINCEZA.

(*Entra precipitadamente pela esquerda.*) Bumba! (*Quebra um vaso á esquerda.*)

CIUMENTINA.

Está vendo?

PACOVA.

Yáyá! (*Procura contê-la.*)

PRINCEZA.

Bumba! (*Quebra um vaso á direita.*)

PACOVA.

(*Correndo para ella.*) Yáyásinha!

PRINCEZA.

Bumba! (*Quebra dous vasos.*)

PACOVA.

Ai de mim! (*Ao publico, meia voz.*) Dou lambem esta de quebra!

CIUMENTINA.

Queres casar com o tal sujeito, minha filha?!

PRINCEZA.

Eu?! (*Atira ao chão uma cadeira, depois outra; agarra no retrato de Pacova, quer arremessa-lo ao chão.*)

PACOVA.

(*Detendo-a.*) Isto não! Queres que teu pai fique quebrado?

CIUMENTINA.

(*A Pacova.*) Ainda insiste na louca idéa de casal-a contra a vontade?

PACOVA.

Empenhei minha palavra, bem o sabes, e palavra de rei....

PRINCEZA.

(*Chora.*) Mamai!

CIUMENTINA.

(*Abraça a Princeza e cantarola.*)

Dos desvarios da mulher
Tem sempre culpa o marido!

(*Fallado.*) E depois queixam-se se....

PACOVA.

Outra vez? Mudemos de conversa!

PRINCEZA.

(Chora.) Mamai! mamãi!

CIUMENTINA.

Minha filha!... *(Com amargura.)* Oh! bem se vê que elle não é...

PACOVA.

O que? Acabe!...

CIUMENTINA.

Que elle não é tua.... mãi!

PACOVA.

(Satisfeito.) Ah! isso sim!... Fizeste-me um susto!... *(Ouve-se musica fóra.)* Oh! oiço a cantata! E o príncipe que chega! *(Desce á esquerda.)*

SEGUNDO PAGEM.

(Annunciando.) O príncipe Assucar Candi!

SCENA VIII

Os mesmos e o Príncipe.

(Entra o príncipe pelo fundo, acompanhado por outro pagem. Os áous pagens ficam ao fundo.)

PRÍNCIPE.

(Saudando.) Senhor! Senhoras!

CIUMENTINA.

(Baixo á Princeza.) Coragem!

PRINCEZA.

(Com desembaraço.) Deixe-o comigo!

CIUMENTINA.

(*Olhando para o Príncipe.*) Elle é bom bonitinho!

PACOVA.

Minha filha estava anciosa por vê-lo, bello príncipe Assucar Refinado!

PRINCIPE.

Assucar Candi.

PACOVA.

Tem razão. (*Á Princesa.*) Yáyá! oh! yáyásinha!

CIUMENTINA.

(*Baixo á Princesa.*) Vai, minha filha!

PRINCEZA.

Sim, vou, mas e arrancar-lhe um olho! (*Dirige-se ao Príncipe com mãos modos, reconhece-o, dá um grito de alegria e o abraça.*) Ah!

Quatro.

PRINCEZA (*alegre*).

« É meu Chiquinho!

PACOVA E RAINHA, (*admirados*).

{ E seu Chiquinho!

} PRINCIPE.

{ Sou seu Chiquinho!

PRINCEZA.

Pois não é o meu Chiquinho?
O meu bemzinho!

TODOS.

O seu bemzinho!

PRINCEZA.

Este e o tal Chiquinho
Por quem tenho afeição;
Sendo elle meu visinho,
Eu me vi na collição
De amal-o com carinho!

TODOS.

Muito carinho!

PRINCEZA.

O meu Chiquinho
O que vem aqui buscar
Eu advinho!
Minha mão vem impetrar
Neste instante.
Caso já com meu amante;
Não convem tempo perder,
Para que o tal tratante
Não se possa arrepender!
É meu Chiquinho!

PACOVA.

(Como quem não entende.) Chiquinho! Chiquinho! Então
não é o príncipe Assucar Mascavo?

PRINCIPE.

Assucar candi!

PACOVA.

A differença é pequena. O que quero saber é se é Chiquinho ou Príncipe!

PRINCIPE.

Na roça eu era Chiquinho; mas aqui sou Príncipe.

PACOVA.

(*Em tom convencido.*) Ah! Porque não o disse ha mais tempo? (*Aparte.*) Não entendo patavina!

PRINCIPE.

Eu lhe conto. Era um dia. .

PACOVA.

Já sei. Era um dia uma baratinha, que varrendo a casa achou um vintem. E' uma historia que vai contar? Gosto muito de historias! Mas, não acha melhor sentarmos-nos? (*Os pagens trazem cadeiras.*) Sentemo-nos!

PRINCIPE.

Era um dia... estava eu a passear, quando vi uma moça tão linda!

CIUMENTINA.

Era eu?

PRINCIPE.

Não, senhora. Eu continuo. Fiquei encantado, porque nunca tinha visto uma moça *como ella*...

PACOVA.

Nem eu; *com moela* nunca vi senão gallinhas.

PRINCIPE.

Por acaso aluguei uma cabana defronte da sua.

PACOVA.

Da minha?!

PRINCIPE.

Não, senhor; da *sua... d'ella*. (*Apona a princeza.*)

PACOVA.

Da *sua d'ella*?! Oh! que calor!

PRINCIPE.

Desde logo senti que o amor fazia-me andar o coração a toque de caixa !

PACOVA.

A toque de caixa ! (*Levanta-se.*)

QUATOR.

Rataplan plan, Ran, plan, plan,

CIUMENTINA. (*Levanta-se.*)

Rataplan plan, Ran, plan, plan,

PRINCEZA. (*Levanta-se.*)

Ran, plan, plan,

PRINCIPE. (*Levanta-se.*)

Ran, plan, plan.

(*Sentam-se todos, o Príncipe um pouco depois dos outros, muito admirado.*)

PACOVA.

(*Ao Príncipe, fallando.*) Queira continuar.

PRINCIPE.

Dizia eu pois, que desde logo senti que o amor fazia-me andar o coração a toque de caixa.

PACOVA.

Então repilo ! (*Levantam-se e repetem o Quator acima.*)

PRINCIPE.

Não comprehendo hem...

PACOVA.

(*Rindo.*) Ah! Ah! Não acha que sou muito engraçado ?

Maganão! Vai casar com uma pequena encantadora e tão docil, que é incapaz do quebrar um pires!

CIUMENTINA.

Lá isso é verdade!

PACOVA.

E vai ter um sógro tão boa pessoa!.. E uma sogra... Oh! principalmente uma sogra como não encontra outra... um anjo de candura!.. Um favo de mel! Olhe; ha já vinte annos que estamos casados e entretanto amamo-nos como no primeiro dia.

CIUMENTINA.

(Com amargura.) Lá isso é verdade;

PACOVA.

(Indo para junto de Ciumentina.) Bemzinho!

CIUMENTINA.

(Com os dentes cerrados.) Bemzinho!

PACOVA.

(Ao Príncipe.) Está ouvindo? Um favo de mel! Bemzinho!
(Quer abraçá-la.)

CIUMENTINA.

(Colerica, battendo-lhe na mão.) Passa fóra!!!

PACOVA.

(Meia voz.) Disfarce ao menos!

CIUMENTINA.

(Colerica.) Abraçar-me! Quer abraçar-me?! Isso nunca!..

PACOVA.

Pensa talvez que estou com vontade? Ora viva! Eu disse isso para ver se aquelle palerma cae na esparrela de casar com a pequena, toleirona!

CIUMENTINA.

Minha filha! Protege-me! Não vês como me insulta
aquelle homem?

PACOVA.

Aquelle homem? Não diz meu marido? aqui ha cousa!...
Quero uma explicação!

PRINCEZA.

(Afastando-o.) Para longe, senhor!

PACOVA.

(Afastando-a com brandura.) Espera; deixa-me passar..

PRINCEZA.

(Chora.) Ai! Ai! Ai!

CIUMENTINA.

Que foi? O monstro maltratou-te?...

PRINCEZA.

(Chorando.) Machucou-me este dedinho.

CIUMENTINA.

(Em voz alta.) Quebrou os dous braços e as duas pernas
de minha filha! *(Dando um grande grito.)* Ah!! *(Começam
ambas a gritar.)*

PACOVA.

(Ao Principe.) E' este pratinho todos os dias! Case, meu
natureba! Case quanto antes. *(Senta-se. O Principe passa
à esquerda. Ciumentina e a Princeza estao à direita.)*

SCENA IX

Os mesmos e Ramalho.

*(Ramalho, muito commovido e de cabeça baixa, desce
a scena lentamente e vem sentar-se nos joelhos do rei.)*

PACOVA.

Que aconteceu ?

RAMALHO.

(Quer fallar, não pode.)

PACOVA.

Que succedeu ?

RAMALHO.

(Faz gesto de dar uma punhalada.)

PACOVA.

(Meia voz.) Ah, comprehendo... Alvaro... morto !

RAMALHO.

(Faz gesto affirmativo.)

PACOVA.

Muito bem. Agora levante-se e vá tomar um capilé para serenar o espirito. *(Ramalho levanta-se e sóbe lentamente.)*

PACOVA.

(Levanta-se; ao Príncipe.) Não tem duvida!.. Case! Case, para vêr com quantos pãos se faz uma canoa! *(Musica na orchestra.)* Que será ?

2º PAGEM.

(Annunciando.) O grande Barba de Milho e sua nova esposa !

PACOVA.

(Ao Príncipe.) Então está acabada a palestra. *(Os pagens levam as cadeiras para o fundo e saem pela direita.)* Hoje é uma noite cheia... de contrariedades!... *(A Ramalho, que vem descendo.)* Estou satisfeito com teus serviços, e como remuneração nomeio-te governador de todos os quilombos de negros fugidos cá da terra. O ordenado não é grande, mas em compensação, terás muita sarna para te coçares !

RAMALHO.

(Inclinando-se.) Quanto sois magnanimo ... e justo ! *(Pacova, Ciumentina e o Príncipe passam para a direita. Os cortezãos e damas da cõrte entram pelo fundo.)*

SCENA X

Os mesmos, cortezãos, damas, DEPOIS Barba de Milho, Bolota e guardas.

(Os guardas ficam no ultimo plano.)

CORO.

Elles já ahí vêm !
Rubras, quaes malaguetas
Ambas as faces têm !
Que casal de galhetas !

RAMALHO. *(A Pacova.)*

O grande Barba de Milho vem apresentar
Sua esposa que é de truz !

PACOVA.

Bem o vêdes ! Passa a vida a enviuar !
Oh ! que patifaria ! Cruz !

CÔRO.

Oh ! que patifaria ! Cruz !

PACOVA.

Já agora, ouçamos !

RAMALHO E CÔRO.

Ouçamos !

(Barba de Milho entra pelo fundo com Bolota.)

BARBA DE MILHO.

Inda não ha uma hora
Casei com esta senhora ;

CÔRO.

Vire folha, já sabemos!

BARBA DE MILHO.

Como sempre respeitei
A vontade de meu rei!

CÔRO.

Vire folha, já sabemos!

BARBA DE MILHO.

Eu vim logo ao rei Pacova
Mostrar minha mulher nova!

PACOVA E CORO.

Alto lá! Alto lá!
Isto excede quanto ha!

BARBA DE MILHO.

Se assim e, não digam nada
Ouçam calados a massada.

BOLOTA. (*a Pacova.*)

Este rei que está no throno
Como é feio! Oh, que mono!

CÔRO. (*rindo.*)

Isto, sim, nós nunca ouvimos!

BOLOTA (*mostra Ciumentina*)

Digam quem é esta gorducha?
E' a rainha? Oh, que bruxa!

CORO (*rindo.*)

Isto, sim, nós nunca ouvimos!



BOLOTA (*aos fidalgos*).

E todos estes figurões?
Oh! Que grandíssimos ratões!

PACOVA E CÔRO (*zangados*).

E' atroz!... E' atroz!
Fallar assim tão mal de nós!

BARBA DE MILHO (*a Bolota*).

Cale a boca! Não prosiga!

BOLOTA (*passando á direita e rindo*).

De tanto rir, dôe-me a barriga!

PACOVA (*a Barba de Milho, rindo á socapa*).

Meus parabens aceite! Que delicada dona!

BARBA DE MILHO.

Mudemos de assumpto. Quande tenciona
Sua filha casar?

PACOVA.

Hoje mesmo, se permite

BARBA DE MILHO.

Hoje mesmo?

CIUMENTINA.

Se quizer assistir, eu lhe dou um convite!

BARBA DE MILHO.

Hoje mesmo?

CIUMENTINA.

Sim, senhor!

PACOVA (*pondo a mão no rosto*).

Ai, que dôr!

BARBA DE MILHO.

Pois assim de repente?

PACOVA (*gemendo*).

Ai! Ai! Ai! Ai! Que dôr?

RAMALHO (*aos cortezãos, com açodamento*).

Clarae com dôr de dente!!!

(Ramalho colloca-se á direita de Pacova, que está no throno, Barba de Milho e Bolota passam para a esquerda. Ciumentina senta-se ao lado do rei, e o principe e a princeza ficam de pé proximos d'elle).

CORO.

Oh! que dôr tão renitente
Pacova sente!

RAMALHO (*fallado*).

Aquelle que não chorar muito está de certo louco!

PACOVA (*fallado*).

Ai de quem chorar pouco!

(Coro do beija mão. Em vez de beijos são soluços e gemidos que todos os cortezãos dão, passando dous a dous e lentamente diante do throno de Pacovaj).

CORO.

Toca a chorar
Sem descancear!

BARBA DE MILHO.

Oh, quanto é bella e formosa
A que vae ser minha septima esposa!

RAMALHO (*fallado*).

As visitas chorar devem tambem

(Barba de Milho e Bolota adiantam-se chorando).

BOLOTA (*vê o príncipe e estaca*).

Quem é este meco?
Que lindo traçar!
É' elle! Mas como
Veio aqui parar?

(*Quer arremessar-se sobre o príncipe, Barba de Milho
não consente*).

PACOVA.

Eu já estou cansado
De tanto esperar!
Se tardam, eu mando
Todos bugiar!

PRINCEZA E PRINCIPE, (*conhecendo Bolota*).

Bolota!

BOLOTA (*conhecendo a Princesa*).

Marianna!

PRINCIPE (*à parte*).

Meu Deos!

PRINCEZA (*à Rainha*).

Mamã!

CIUMENTINA.

Que é?

PRINCEZA.

Vamo-nos embora!

BOLOTA (*fitando o Príncipe*).

Como é bonitinho!

BARBA DE MILHO (*baixo a Bolota*).

Senhora! Senhora!

PACOVA.

Que dôr!

PRINCIPE.

É ella!

PACOVA.

Que dôr!

BOLOTA.

É elle!

BARBA DE MILHO.

Di-to não entendo.... nem mesmo nada.

BOLOTA.

Nem eu!... Oh! que furiosa massada!

RAMALHO (*aos cortezãos*).

Choral!

CORO.

Sim, choremos!

BOLOTA.

Resistir não posso ao desejo
De pregar-lhe um forte beijo!

(*Beija o Príncipe em ambas as faces. Admiração geral*).

CORO.

Oh! E' demais! Sim, é demais!
Que facto tão escandaloso!
Um beijo dar assim sem mais
Mesmo diante do esposo!

BOLOTA.

Porque assim se admiram?
Isto qu'eu fiz, ai! nunca viram?
Vocês parece que são pangas!
Porque essas zangas
E bugigangas?

Deixem-se, pois, de tanto luxo
Que tem qu'eu beije o pecurrucho?
Eu gosto d'elle, eu cá sou franca!
Se me replicam dou com uma tranca!

CORO.

Oh! e demais! Sim, é demais!

BARBA DE MILHO. *(a Bolota.)*

E' inaudito! Basta, senhora!
Não, não confesse que o adora!

BOLOTA *(fitando o principe.)*

Como e gentil o tal bregreiro!
Oh, que olhar tão feliceiro!
E que pé tão mimoso
E dengoso!
Como é gentil o tal pimpolho,
Mais fresco e bello que um repolho!

BARBA DE MILHO.

Meu espirito se allucina;
Eu não entendo patavina!

PACOVA.

A ninguem respeitam... a ninguem!
Nem ao rei!

BOLOTA.

Tambem quer? Pois dou-lhe tambem!
(Dá um beijo em Pacova. Admiração geral.)

CORO.

Oh! Alé no rei!!!

BOLOTA.

Vocês que fallam, querem tambem?

(Vae beijar os cortezãos, depois de ter beijado Raimalho.)

BARBA DE MILHO *(detendo-a.)*

Basta por hoje! Vamos embora!

BOLOTA.

Porque, porque, partir agora?
Porque ir assim embora
Quando tudo é folgança?
Partir no meio da festa.
Mesmo antes da papeira?

TODOS *(menos Bolota e Barba de Milho.)*

Parti! Parti! Levai-a já!
Um facto tão escandaloso
Assim não ha!
Vir dar um beijo amoroso
Mesmo diante do esposo,
E na presença do monarcha!
E' desaforo, é, de marca!!

BARBA DE MILHO.

Basta! Vamos-nos, senhora!
Já me sinto furioso!
Vamos embora!
Para mim, que sou esposo
Isto é muito vergonhoso!
Sahi, sahi! d'este palacio!
Não quero, não, ser mais pascacio!

(Bolota quer agarrar no Principe, Barba de Milho empurra-a para fóra. Grande confusão, no meio da qual Pacova escorrega e cae, fazendo cahir a rainha, a princeza e o principe.)

RAMALHO *(aos cortesãos.)*

El rei cahio, cahíamos tambem!

(Todos os cortesãos e damas arremessam-se ao chão.)

FIM DO 2.^o ACTO.

ACTO III

O FUROSINHO NA GOIABA

Laboratorio de alchimista. Á direita: fornalha, retorta, alambiques, etc., etc. Á esquerda: prateleiras com objectos exquisitos, craneos, bocaes, etc., etc. Quasi todo o lundo da scena e occupado por um grande mausoleu, com seis repartimentos, nos quaes se vñem estas funebres inscripções: « Aqui jaz Miquelina, primeira mulher de Barba de Milho. » « Aqui jaz Cunegundes segunda mulher de Barba de Milho. » « Aqui jaz Brigida, terceira mulher, etc. » « Aqui jaz Geneveva, quarta mulher, etc. » « Aqui jaz Pulcheria, quinta mulher, etc. » Á esquerda, primeiro plano, uma *chaise-longue*. Á direita: uma caixa de musica sobre um mocho, no segundo plano. No primeiro plano, uma pequena estante com objectos raros. No centro da scena, uma mesa, tendo a um lado um castiçal. Sobre a mesa, suspensa no ar, sem que se veja como, uma lampada. Pendentes do tecto diversos bichos empalhados. No fundo, ao lado direito do mausoleu, uma porta; ao lado esquerdo, um forão; outra porta á esquerda alta.

SCENA I

Jararaca, depois Magrico e Carrapeta
(SCENA OCCA ESCURA).

JARARACA (*entra pela esquerda.*)

Ora aqui está em que param as modas! (*Risca um phosphoro e accende a vela do castiçal.*) O horizonte entrovisea-se deveras! Hontem á noite a Sra. Lua eslava com uma ruga na testa... Mau signal para quem conversa com os astros! Pessimo signal!!! Preciso consultar o oraculo a este respeito. Cinco mulheres já ali estão por ordem de Barba de Milho. Ainda ha um lugar vago... o que quer dizer que ha de vir mais uma... hoje mesmo talvez!... Oh! é horrivel!... horribilissimo!! Quem sabe se o tal barbaca, depois de completar a meia duzia (*aponta o mausoleu*), não me pregará algum furioso logro, para dar cabo da unica pessoa que conhece seus crimes?... Consultemos o oraculo. (*Sobe um pouco.*) Comecemos por accender a lampada milagrosa com a luz d'esta vela. (*Tira*

da prateleira uma varinha de condão, aproxima-se da mesa central e declama, meneando a varinha.) « Luz! Truz! Avestruz! Uma, duas, tres!... Faça-se a luz e a luz foi feita!! » (No mesmo momento a vela do castiçal apaga-se e a lampada accende-se por si só.) Isto faz-se enquanto o diabo esfrega meio olho! Principiemos a consulta! (Vai buscar ao fundo uma caixa de folha de Flandres.) Se elle é finório, eu ainda o sou mais! (Deposita a caixa no chão.) Ora bem! Mãos á obra! Agora e que vou saber o que me compete fazer em bem da tranquillidade do meu physico! (Declama, fazendo com a varinha, sobre a caixa, signaes cabalísticos.) « Pim! Pim! Repintim!! Piri-pintim-repintimpim!! Surge, Carrapeta! Surge e vem contar-me quaes são as intenções do tal Barba de Milho de uma figa!... Vem e falla sem reboço! Quero saber a verdade, nua, crua e sem mistura! E' em nome de Satan que te invoco, e sob a luz maravilhosa daquella lampada sem igual! Surge! Surge sem demora, Carrapeta! Pim! Pim! Repintim!! Piri-pintim-repintimpim!!! » (Abre-se a tampa da caixa e de dentro d'ella surge Magriço, especie de demonio, alto, magro, com roupa preta cheia de lagrimas de diversas cores e com chifres verdes.) Que queres? Quem te chamou, Magriço?... E' com o mimoso Carrapeta que quero fallar e não contigo. Some-te, pois, e vai dizer a Carrapeta que venha quanto antes. E' negocio urgente! Some-te! Some-te!! (Apona com a varinha, Magriço desaparece, a lata fecha-se.) Que me dizem a esta? Quero fallar ao outro e....

MAGRIÇO.

(Aparece no fundo de pé sobre o fogão.) Suas ordens estão cumpridas.

JARARACA.

(Voltando-se.) Ah!

MAGRIÇO.

Carrapeta estava no rio da Prata.

JARARACA.

Foste chamal-o?

MAGRIÇO.

Fui e trouxe-o comigo. (*Carrapeta apparece ao lado de Magriço. Carrapeta é um demoninho muito pequeno todo vestido de azul celeste e com pequenos chifres de ouro.*) Elle aqui está!

JARARACA.

Bem. Porém tardaram tanto! Esperei quasi meio minuto!

MAGRIÇO.

As estradas estão tão mal conservadas!

JARARACA.

Lá isso é verdade! Approxima-te, Carrapeta. (*Desce a scena; os dous demonios desaparecem.*) Preciso conversar um pouco contigo! (*Abre-se a caixa de folha e de dentro surge Carrapeta.*)

CARRAPETA.

Aqui estou!

JARARACA.

Sabes o que é que o mariola do Barba de Milho pretende fazer? Devo crer em suas promessas?

CARRAPETA.

Não! Acautela-te!

JARARACA.

Quer pregar-me algum mono tremebundo!

CARRAPETA.

Quer!

JARARACA

(Afflicto.) Oh!... Quem me mandou entregar-me a elle em corpo e alma! Mas o palife engodou-me tão bem, que não pude resistir! Ah; meu Carrapetasinha, só tu me podes salvar, dando-me algum talisman, que tenha o poder de quebrar o encanto que elle sobre mim exerce!

CARRAPETA.

Toma! Com isto conseguirás tudo quanto quizeres.

JARARACA.

(Aceitando o talisman.) Uma moeda de ouro!!

CARRAPETA.

Não ha talisman mais virtuoso do que esse na terra.

JARARACA.

Oh! obrigado, meu Carrapelasinha! *(Ouve-se o som de uma trompa.)* Este som!

CARRAPETA.

Barba de Milho ahí vem, adeus! *(Desapparece.)*

JARARACA.

Não ha duvida! E' elle mesmo! *(Ouve-se outro som mais perto.)* Vem para cá! Dar-se-ha caso que Bolota já...! Infeliz Bolota! Coitadinha! em menos de oito dias! Mas agora que possuo o famoso talisman, já não tenho medo do barbaças. Venha elle... e verá! *(Leva a caixa de folha para o fundo.)*

SCENA II

Jararaca e Barba de Milho.

(Batem tres vezes na porta da direita do mausoleu. Jararaca vae abrir. Barba de Milho entra precedido por dous homens d'armas com archotes.)

JARARACA.

(Curvando-se.) Excellentissimo!

BARBA DE MILHO.

Estás só?

JARARACA.

Completamente só.

BARBA DE MILHO.

(Aos homens d'armas.) Retirem-se. *(Os homens sáem. A Jararaca.)* Vae preparar um veneno fulminante.

JARARACA

(Horrorisado.) Tu... lu... minante?!

BARBA DE MILHO.

Sim.

JARARACA.

Porém...

BARBA DE MILHO.

Não vim para ouvir conselhos, mas para dar ordens... Demais não tenho tempo a perder. São dez horas, e a meia noite tensio casar com a encantadora filha do rei Pacova.

JARARACA.

Oh! Já?

BARBA DE MILHO.

Bem sabes que a minha divisa é: sempre viuvo e nunca viuvo. Caso para enviivar e enviuvo para casar. Nada mais logico!

JARARACA.

(Aparte.) Velhaco!... Mas espera; cá tenho o talisman; hei de pregar-te o logro mesmo na menina dos olhos!

BARBA DE MILHO.

Então, vamos ou não vamos ?

JARARACA.

(Submisso.) Sempre às suas ordens, excellentissimo.
(Aparte.) A ruga na testa da lua!... o que disse Carrapeta!... Não tem duvida!...

BARRA DE MILHO.

(Dando-lhe um pontapé em certa parte.) Anda d'ahi !

JARARACA.

(Levando a mão ao lugar supra indicado.) Oh ! Vossa excellencia deu mesmo em cheio no meu.... amôr-proprio !

BARBA DE MILHO.

Queres outro ?

JARARACA.

(Risonho.) Obrigado !... O mais fu-lu-minante, não è?... Está dito ; vou buscal-o ! *(Sae pela esquerda.)*

SCENA III

Barba de Milho. só (FITANDO O MAUSOLEU.)

Couplet.

Sim ! E' ali que as cinco repousam !
Falta só uma e essa já vem ! *(Desce.)*
Não sei porque os maridos não ousam
Enviuvar muitas vezes tambem !
A mulher, quando está sob a lousa,
E' mais gostosa que um bom manjar ;
Quanto está viva.... credo !... é cousa
Peior mil vezes que o rosagar !

(Bolota entra pelo fundo, conduzida por dous homens d'armas, que se retiram logo, fechando a porta.)

SCENA IV

Barba de Milho e Bolota.

BOLOTA.

(*Olha em torno de si admirada.*) Chi!!! Quanta bu rundanga!! Que diabo de casa é esta?

BARBA DE MILHO.

E' a casa do diabo!

BOLOTA.

(*Com medo.*) Brrrriú!!! Que lembrança tiveste de dar um passeio a esta hora.... sempre a galope! (*Imita o galope de um cavallo.*) Pu-cu-tú! Pu-cu-tú!... no meio de chuva, raios e coriscos! E depois chegar aqui.... subir.... descer.... quebrar a mão direita.... torcer a mão esquerda.... tornar a subir.... a descer.... e sempre no escuro, como se fossemos morcegos! Explica-me que significa tudo isto?...

BARBA DE MILHO.

Por uma postura da camara municipal não podem os maridos dar explicações de seus actos às suas mulheres. (*Sombrio.*) Percebe, Sra. Bolota?

BOLOTA.

Deveras?

BARBA DE MILHO.

(*Mais sombrio.*) Percebe, minha sexta mulher!

BOLOTA.

Que cara carrancuda! (*rindo*) Ficas tão feio as-im! Ah! Ah! Ah! (*vê o mausoleu, espanta-se*) Gente, que bixo é este?

BARBA DE MILHO.

(*Sempre sombrio ate o fim da scena.*) Sabes lèr?

BOLOTA

Si, e muito bem!

BARBA DE MILHO.

Pois lô. (*Aponta as inscrições funebres*).

BOLOTA (*soletrando mal*).

A...q...u...i aqui, g...a...s gás. (*Com alegria*) Ah! é um gasometro?

BARBA DE MILHO.

Continue! (*agarra-lhe na mão e aponta o teteiro*) Aqui jaz... continue!... Aqui jaz Miquelina, primeira mulher de Barba de Milho...

BOLOTA.

Coitadinha!

BARBA DE MILHO.

Continue!

BOLOTA (*lendo*).

Aqui jaz Cunegundes, segunda mulher de Barba de... (*Com medo, querendo sair*). Vamos apreciar o luar lá lóra?

BARBA DE MILHO.

Bem vê!... São cinco! só falta a sexta!

BOLOTA.

Falta uma cesta ou um samburá? Vou buscar! Já volto! (*quer sair; passa para a direita*).

BARBA DE MILHO (*retendo-a*).

Espere! Vê algum nome ali? (*aponta a sexta divisão do mausoleu*).

BOLOTA.

Não !

BARBA DE MILHO.

Assim é por enquanto ; mas amanhã...

BOLOTA (*querendo sair*).

Vamos almoçar... estou com uma fome !

BARBA DE MILHO.

Amanhã ali estará teu nome !

BOLOTA (*rindo sem vontade*).

Ah ! Ah ! Ah !.. Parece que estão me chamando lá fora !
Com licença ! (*quer sair acha a porta fechada*).

BARBA DE MILHO (*com riso satânico*).

Estás filada !

BOLOTA.

Não gosto d'estas graças !

BARBA DE MILHO.

Boa duvida ! Não gostas porque sabes que quem entra
ali... (*aponta o mausoleu*)... Babau !

BOLOTA (*aterrada*).

Babau !

Duetto.

BARBA DE MILHO.

Dormem ali eternamente
Cinco mulheres minhas ; seus nomes lá estão.
Agora só me falta que no alçapão
Caia uma somente !

BOLOTA.

E quer que seja eu ?
Pois sim, meu bem, vá esperando !

BARBA DE MILHO.

E' esse o desejo meu,
Porém já sem demora!

BOLOTA.

Ah! sim? 'Stá-se ninando!

BARBA DE MILHO.

Não percas tempo com lamurias!
Abranda tuas fúrias!
Tu bem deves saber
Porque vaes morrer!

BOLOTA.

E' preciso que convenha,
No mundo não ha quem não tenha
Muitas culpas no cartorio.
Conto as minhas sem palanfrorio.

COUPLETS.

1.º

Juca um dia deu-me aqui
Quatorze beijos de repente.
De pudôr quasi eu morri!
Eu era então tão innocente!

BABBA DE MILHO.

Deus meu! Deus meu!
Isto não sabia eu!

BOLOTA.

Ah! Ah! Faça-me o favor
De ouvir isto que é melhor!

2.º

Foi o segundo um figurão
E o terceiro um militar,
Depois o quarto um sachristão;
Por lim nenhum quiz se casar!

BARBA DE MILHO.

Deus meu! Deus meu!
Isto não sabia eu!

BOLOTA.

Ah! Ah! Faça-me o favor
De ouvir isto que é melhor!

3.º

Todos os outros namorados
Foram assim só por pagode!
São tão pequenos meus peccados
Que condemnar-me ninguém pode!

BARBA DE MILHO.

Deus meu! Deus meu!
Isto não sabia eu?

BOLOTA.

Ah! Ah! já me fez o favor
De ouvir o que era melhor!

BARBA DE MILHO.

Não! Não é chacota!
Basta de risota!
Oh! minha Bolota,
Vaes bater a bota!

BOLOTA.

Bater a bota?

BARBA DE MILHO.

Sim! Sim! Bolota.

BOLOTA (*passa para a direita*).

Estás idiota?

BARBA DE MILHO.

Uma pequena
Bella, morena.
Me captivou o coração.
Percebes já porque razão
Tu vais morar nesta gaiola.

BOLOTA.

Morar ali? Que mariola!

BARBA DE MILHO. (*mostra o mausoleu.*)

N'esta gaiola!

BOLOTA.

Ali? (*Ajoelha.*)

BARBA DE MILHO.

Ali!

BOLOTA. (*supplicante.*)

Vem cá, meu tarugo!
Porque és verdugo
De tua consorte?
Pois tens a pachorra
De nesta masmorra
Me dares a morte!?

BARBA DE MILHO (*alegremente.*)

E' uma espiga,
Oh! minha amiga,
Amar eternamente,
P'ra mim amôr
E' uma flôr
Que dura um dia sômente!

JUNTOS.

BARBA DE MILHO.

E' uma espiga,
Oh ! minha amiga,
Amar eternamente ! etc., etc.

BOLOTA.

Vem cá, meu tarugo,
Não sejas verdugo
De tua consorte. etc., etc.

BARBA DE MILHO.

Mais doce que abacaxi,
Mais bella que a bella Hellena,
De Pacova ao lado eu vi
Esta manha certa pequena ! ! . . .

BOLOTA.

Com ella já queres casar ?

BARBA DE MILHO. *(alegre.)*

Convém primeiro enviivar !

BOLOTA. *(desesperada.)*

Elle de mim pena não tem !

BARBA DE MILHO. *(risonho.)*

Meu bem, adeus ! Adeus, meu bem !

(Ouve-se trovejar ao longe.)

BOLOTA

Ouve ! O céu brame irado !

BARBA DE MILHO.

O céu póde bramir !

BOLOTA.

Sempre és muito mal criado !

BARBA DE MILHO.

Emquanto brame, ponho-me a rir !

JUNTOS.

BARBA DE MILHO.

F' uma espiga,
Oh, minha amiga! etc., etc.

BOLOTA.

Vem cá, meu tarugo,
Não sejas verdugo. etc., etc.

(O trovão ronca com mais furor. Jararaca entra pela direita, trazendo na mão um vidrinho, que vascoleta com força.)

SCENA V

Os mesmos e Jararaca.

JARARACA.

Prompto!

BOLOTA.

(Dando um grito.) Ah!!! *(Cae de joelhos.)*

BARBA DE MILHO.

Atê já, minha gorduxinha! Atê já!

BOLOTA *(supplicante)*.

Fica, meu maridinho! Se me queres bem, prova primeiro uma gotta d'aquelle licôr saboroso, feito por Jararaca.

BARBA DE MILHO.

(Repelindo-a muito sombrio) Atê já!

BOLOTA.

(Cahindo no chão). Ah!

BARBA DE MILHO.

(Chegando-se a ella, pressuroso, com muita amabilidade). Machucaste-le?

BOLOTA.

(Arranjando a saia do vestido.) Eu não... e mencê?...

BARBA DE MILHO.

Tambem não, muito obrigado. *(Sombrio.)* Até já!!

BOLOTA.

(Sem se voltar para elle.) Lembranças a todos que perguntarem por mim, ouvío? *(Barba de Milho sae.)*

SCENA VI

Bolota e Jararaca.

BOLOTA.

*(Sentada no chão, chamando Jararaca com muita fa-
ceirice.)* Scio! Scio!

JARARACA.

(Respondendo no mesmo tom.) Que é?

BOLOTA.

Chegue aqui.

JARARACA.

Aquí estou!

BOLOTA.

Dê-me a mão; ajude-me a levantar-me.

JARARACA *(dando a mão.)*

Com muito gosto!

BOLOTA.

Upa!

JARARACA.

Upa! *(Forceja por levantá-la, mas não consegue)*
Terra!.. E' leve como uma.. pipa de azeite!.. *(forceja mais.)*
Qual! Só a guindaste!

BOLOTA.

Experimente, pegando-me por baixo dos braços.

JARARACA.

(Executa o pedido.) Upa!.. Upa! *(depois de um grande esforço consegue levantá-la.)* Safa! Fez-me suar!..

BOLOTA.

Muito obrigada!

JARARACA.

Não tem de que! *(examina o soalho.)* As taboas deram de si com o peso!

BOLOTA *(acariciando-o.)*

Então! Já viram como este ladrão está ficando cada vez mais bonitinho?!

JARARACA *(à parte.)*

Entendo! Quer engambelar-me, para ver se escapa!..

BOLOTA.

Moras aqui, Jararaca?

JARARACA.

Sim, senhora!

BOLOTA.

Não me chames:—senhora! Chama-me: «Bolinha» como outr'ora.

JARARACA.

Porém...

BOLOTA *(afugando-o.)*

Era assim que me tratavas lá na roça. Lembras-te d'aquella tarde?

JARARACA.

(Muito serio.) Não me lembro!

BOLOTA.

Eu estava perto do galinheiro... tu vieste... e fogo!
(dá-lhe um beijo.)

JARARACA.

(Muito serio.) Não me lembro!

BOLOTA.

Por signal que mimoscei-te com uma bolacha! Oh! que bolacha!!!

JARARACA.

(Levando a mão ao rosto.) Disso lembro-me eu!

BOLOTA.

Pois agora tens licença para me dares tres! *(apresentando a face.)* Anda; não faças cerimonia!

JARARACA.

Não posso...

BOLOTA.

Ah! Então e certo que queres escrever meu nome ali? *(aponta o mausoleu.)*

JARARACA *(meio confuso.)*

Que remedio! Ou o seu nome ou o meu tem de preencher aquella lacuna. Um de nós dous deve morrer! Se eu não mata-la, mata-me elle. Bem vê que devendo um de nós pagar o paláu...

BOLOTA.

Paga-o tu.

JARARACA.

Vade retro! *(vascolejando o vidro.)* Elle não tarda a vir; acabemos com isto!

BOLOTA.

Pois... deveras tens coragem para me vêr morrer?

JARARACA.

Qual! O que faço é dar o veneno. Se o querem tomar, melhor; se o não querem, paciência!.. Eu cá nunca emprego meios violentos. (*Mudando de tom.*) Ainda gosta muito de goiaba?

BOLOTA.

Se gosto!

JARARACA.

Vou dar-lhe uma... (*declama.*) « Por artes de berliques e berloques! Zús! Truz! Avestruz! Passe! » (*Tira uma goiaba da ponta da varinha de condão, como costumam fazer os prestigiadores.*) Eil-a! Faça um furosinho com a pontinha do dedinho; entorne dentro uma gota d'esta peçonha ful-lu-minante; coma a goiaba. . e tudo se decidirá n'um momento.

BOLOTA.

Mas...

JARARACA.

Faça o que lhe digo.

BOLOTA (*aparte*)

Tenho um meio de bigodeal-o! (*Alto*) Está dito; venha a goiaba!

JARARACA,

Um furosinho...

BOLOTA.

Com a pontinha...

JARARACA.

Do dedinho.

BOLOTA.

Muito bem!

JARARACA.

Entorne dentro...

BOLOTA.

Uma gotta dessa pegoalha...

JARARACA.

Fu-lu-minante...

BOLOTA.

Como depois...

JARARACA.

A goiaba...

BOLOTA.

E tudo se decidirá...

JARARACA.

N'um momento! Como sou sensível, volto o rosto para não vêr. *(volta-se)*

BOLOTA.

(Chamando-o com muita faceirice.) Scio! Scio!

JARARACA.

(La subindo, pára e volta-se.) Que é?

BOLOTA *(com faceirice.)*

Com que dedinho devo eu furar?

JARARACA.

(Mostrando o dedo mínimo.) Com estesinho.

BOLOTA.

Bem; agora não olhe para cá.

JARARACA.

(Subindo.) Fique deseancada.

BOLOTA.

(Entorna no chão o liquido que está no vidrinho, come a goiaba e diz com a bocca cheia.) Prompto! *(põe o vidro sobre a mesa.)*

JARARACA.

Já comeu?

BOLOTA (*de bocca cheia e rindo.*)

Já! Mas não furei com o dedinho! Ah! Ah! Ah! Ah!

JARARACA.

Não ria de bocca cheia! Engula, quando não engasga-se!

BOLOTA.

(*Engolindo.*) Lá se foi!

JARARACA.

Deixe vêr.

BOLOTA.

(*Abre a bocca.*) Olhe!

JARARACA (*examina a bocca de Bolota; ri.*)

Ah! Ah! Ah! Morderam todas no anzol!

BOLOTA (*desconfiada.*)

De que se ri?

JARARACA.

O que estava no vidrinho era... agua da fonte!

BOLOTA.

Então a goiaba? (*dando um grito.*) Ah!!

JARARACA (*rindo e imitando a voz de Bolota.*)

Não furou com o dedinho!!!

BOLOTA.

(*Levando a mão aos olhos.*) Oh!!!

JARARACA.

Já sente alguma cousa?

BOLOTA.

Sim!.. E' celebre! Muito celebre!

TRIO.

Holá! não minto,
Não são patranhas!
Nos olhos sinto
Tantas aranhas! (*senta-se.*)

JARARACA.

O ceu já ganhas!

BOLOTA.

Morrer vou? Deixe-se de petas!
Quem morre faz tantas caretas!

JARARACA.

Os meus felizes e peçonhas
Fazem morrer sem carantonhas!

BOLOTA (*levanta-se.*)

Holá! Não minto!
Que afflicção!
Que comichão
Nas pernas sinto!

JARARACA.

Danse então!

(Bolota dança um pouco; Jararaca tambem. Depois Bolota dá um grito, põe a mão sobre o coração e ché morta. Barba de Milho entra pelo fundo.)

SCENA VII

Bolota. Jararaca e Barba de Milho

BARBA DE MILHO.

Que diz?

JARARACA.

Infeliz! Infeliz!
Morrer tão repentinamente!

BARBA DE MILHO

(Alegre.) Foi-se?

JARARACA.

(Triste.) Foi-se!

BARBA DE MILHO.

(Tira do dedo de Bolota o anel nupcial e canta tranquillamente.)

Eu deveria estar tristonho;
Porém na pyra já me ponho,
E são cantando, alegre, contente!

(Em lugar do estribilho favorito, canta o seguinte lundú.)

Esta sexta com quem me casei,
Tambem foi para o caixão!
Deu o tângulo mángo n'ella,
Acabou-se a geração!

(Sae pelo fundo cantando este lundú, que se ouve continuar nos bastidores. Jararaca contempla Bolota em quanto o lundú se vae perdendo ao longe.)

SCENA VIII

Bolota e Jararaca.

JARARACA.

E' preciso confessar que o tal marreco não se amofina muito com estas cousas! E que bonita voz! Aquillo é que se chama uma garganta excellente... para uma corda!... Lá vae elle, lampeiro e satisfeito como um homem que acaba de deixar a terca á Misericordia! Canta! Ri! Veremos logo com que cara ficará, quando eu lhe apresentar.... *(Como quem se lembra.)* Oh! pedaço d'asno inteiro qu'eu sou! Só agora me lembro que a pobre Bolota morreu deveras! Matei-a... quando só tinha intenção de narcotisa-la... dar-

lbe uma morte apparente, para despertar-a depois e poder desmascarar o tal barbaças?... Metti-me em boas!!! O que li hontem nos astros.... aquella lua na testa da ruga.... Já nem sei mesmo o que digo! Estou perdido! Agora só me resta fazer testamento, constituindo meus credores.... herdeiros de todas as minhas... uvidas! *(Como quem tem uma subita idea.)* Ah! estou salvo! A electricidade produz defeitos verdadeiramente sobrenaturaes.... Tenho ali um peixe electrico.... *(Vae buscar-o no fundo; ao tiral-o do balde soffre um abalo, dá um prão.)* ir... que safanao que me deu o palife! *(Embrulha a mão n'um lenço, agarra no peixe e desce a scena.)* E' feio como as cousas feias! Olhem só que cara!... Até se parece com a tal Mme. Lynch! Cruz!... *(Atravessa para a esquerda)* Se elle ao menos fizesse com que Bolota ressuscitasse! *(Põe o peixe na mão de Bolota, a qual no mesmo momento move-se um pouco.)* Bravo!.. Ella estrebuchou!... *(Ao publico)* Não viram ella fazer assim? Viram?... Eu tambem!... A musica, quem sabe? talvez contribua para clannar-a á vida mais depressa.... A musica tambem bole tanto com os nervos da gente! Experimentemos!... *(Vae buscar a caixa de musica, que põe no centro da scena, Mãos á obra.... Começa a tocar a manivela, ouve-se o som de um realejo pequeno. Bolota fica tranquilla.)* Ainda nada! Oh! que apuros! Estou suando como um procurador de causas! *(Continua a tocar com mais força e rapidez.)* Oh elle acorda ou leva o diabo a futrica! Ainda nada! Ai de mim! *(Continua a tocar. A caixa de musica abre-se.)*

CARRAPETA.

(Surge dentro della.) Louco!

JARARACA.

(Espanta-se e recua.) Oh! *(Reconhecendo-o.)* Ah! és tu, Carrapeta? Que susto que tive! Pensei que era alguem! Mas, fizeste bem em vir, para me livrares da entaladella em que me acho.... Quero ressuscital-a e não posso!

CARRAPETA.

E o talisman que te dei?

JARARACA (*alegre*).

Tens razão. Nem me lembrava mais d'elle! (*Carrapeta some-se; a caixa de musica fecha-se.*) Esta minha cabeça!... Porém esqueci-me de perguntar como é que se emprega o talisman!... Cada um d'estes poderosos auxiliares deve ser empregado de uma maneira especial... (*chamando*) Oh, Carrapeta! Carrapeta! (*abre a caixa de musica, de maneira que o publico veja o interior d'ella*) Qual! Já bate longe! (*torna a fechar-a*) Experimentemos, pondo-o em contacto com a morta. (*põe a moeda de ouro na mão esquerda de Bolota; na mão direita está o peixe electrico. Bolota começa logo a mover-se*) Vejam! Já se move! Muito pôde o ouro n'este mundo!!

BOLOTA.

(*Baluciante.*) Holá! Holá!... Holá!...

JARARACA.

Já falla! Isto não quer dizer que esteja viva, porque as mulheres fallam mesmo depois de mortas! Prosigamos! Faço jogar toda a artilharia ao mesmo tempo, electricidade, musica e ouro! (*torna a tocar a caixa de musica.*)

BOLOTA.

(*Agitando-se mais.*) Holá!... Holá!... Deixem-me!...

JARARACA.

(*Alegre.*) Bravo! (*continua a tocar com mais força.*)

BOLOTA.

(*Agitando-se muito.*) Basta!... Oh!... Não gostod'estes gracejos!... Socorro!! Socorro!!! (*ergue-se de olhos fechados.*)

JARARACA.

Bravissimo!... Estou certo que, encostando agora a varinha de condão bem na pontinha do nariz, ella revive logo! (*executa o que diz.*)

BOLOTA.

(*Voltando a si, espantada.*) Uê! Onde estou eu, gente?... Que é isto?

JARARACA.

E' a vida.

BOLOTA.

A Vida... Fluminense?

JARARACA.

Não! A vida que vivias haverá uma semana.

BOLOTA.

(*Ainda espantada.*) Semana? Semana... Illustrada??

JARARACA.

Não! (*ao publico*) Ainda está meia tonta! (*a Boluta*) Estás viva, percebes? Não morreste, percebes!

BOLOTA.

(*Alegre.*) Ah!... Estou viva?! Então o veneno... o furrosinho... a goiaba... tudo era péta?

JARARACA.

Tudo!

BOLOTA.

Estás me enganando! E's capaz de jurar que estou viva?!...

JARARACA.

Tão viva como as outras cinco mulheres que Barba de Milho mandou-me despachar u'aquella alfandega (*aponta o mausoleu.*)

BOLOTA.

Ellas tambem não morreram? Então, onde estão?

JARARACA.

Aqui... e sans como um empregado publico, quando dá parte de doente.

BOLOTA.

Ah! velhaco!... E queres que eu complete a meia duzia?

JARARACA.

Não. Estou resolvido a pôr tudo em pratos limpos! (*Tira o peixe electrico da mão de Bolota; sente um grande abalo.*) Irra! Como está espertinho! (*embru-lha-o com o lenço e vai leval-o para o fundo.*)

BOLOTA.

Estarei eu realmente viva? Ainda me parece historia!

JARARACA.

(*Desce.*) Com licença! (*tira da mão de Bolota a moeda de ouro.*)

BOLOTA.

Vacs pôr as cousas em pratos limpos?.. Explica-te!

JARARACA.

Vou denunciar ao nosso rei Pacova todas as picardias do barbaças. Contava apresentar só cinco victimas; apresentarei, porém, seis.

BOLOTA.

(*Apertando-lhe a mão.*) Toque! Fallou bem e depressa!...

JARARACA.

Queres vingar-te?

BOLOTA.

Boa duvida! Quero vingar-me não só pelo que acaba de fazer-me, mas tambem porque sinto dentro do peito não sei o que!... Como elle e chibante quando cauta!...

Não ha quem diga
Que não e espiga...

JARARACA (*desafinado.*)

Amar eternamente!

BOLOTA.

E' assim mesmo.

JARARACA.

Sei a musica na ponta da lingua. Tenho-a ouvido tantas vezes!

BOLOTA.

Onde estão as cinco primeiras mulheres?

JARARACA.

Ali. (*Mostra o mausoleu.*)

BOLOTA.

Embalsamadas, então! Coitadinhas!

JARARACA.

A esta hora já ellas te esperam.

BOLOTA.

(*Com medo.*) Ali? Credo!

JARARACA.

Ali mesmo. Quando ellas ouvem a cornetinha de Barba de Milho, põe logo mais um talher na mesa e se preparam, de copo em punho, para receber a nova companheira de infortunio. Duvidas? Queres ver? Eu te mostro! (*Vai ao fundo, carrega com o dedo em um botão ao lado do mausoleu*)

SCENA IX

Os mesmos e as cinco mulheres.

(O mausoleu desaparece e vê-se em seu lugar uma saleta illuminada a giorno, com candelabros, flores, etc. No centro uma mesa cheia de iguarias e vinhos. Em torno da mesa estão de pé as cinco mulheres de copo em punho).

AS CINCO MULHERES

Viva a sexta desposada!
Quanto é gentil! Quanto é bella!

BOLOTA.

Como vós fui bigodeada!
Cahi tambem na esparrella!

AS MULHERES *(descem a scena.)*

Estimo bem sua chegada!
E' uma mais para dar trella!

BOLOTA *(no meio com Jararaca.)*

Em menos de uma semana
Virou-me logo de pantana!

MIQUELINA.

Uma semana tão sômente?
Comnosco foi mais complacente!

Couplets.

1°.

Fui eu outr'ora a primeira
Que penetrei n'este covil;
Durou a minha pepineira
Desde Janeiro té Abril.
Mas por não ser muito matreira,
Velhaca,
Cahi nas mãos de Jararaca!

JARARACA.

Agora só tem Jararaca !

MIQUELINA.

Só, só, sómente Jararaca !

TODAS.

Sómente, Jararaca ! só ! só !

2ª.

CUNEGUNDES.

Eu cá por mim fui a segunda
Metida n'esta barafunda !

BRIGIDA.

Sendo eu logo a terceira,
Preza na mesma raleira !

CUNEGUNDES.

Mas por não ser natreira,
Velhaça !

BRIGIDA.

Cahi nas mãos de Jararaca !

JARARACA.

Agora só tem Jararaca !

MIQUELINA.

Só, só, sómente Jararaca !

TODOS.

Sómente Jararaca ! só, só !

3ª.

GENOVEVA.

Fui eu a quarta d'este rol,
Que mordi no mesmo anzol !

PULCHERIA.

Fui eu a quinta, que asneira !
Lograda da mesma maneira !

GENOVEVA.

Mas por não ser muito matreira,
Velhaca !

PULCHERIA.

Cahi nas mãos de Jararaca !

JARARACA.

Agora só tem Jararaca !

MIQUELINA.

Só, só, sómente Jararaca !

TODAS.

Sómente Jararaca só, só !

JARARACA.

Ah ! E' assim, minhas meninas,
Que vocês tratam Jararaca ?
Oh ! que linguinhas viperinas !
Isto deveras m'embasbaca !
Mas como sou um bom diabo
Aos vossos males vou dar cabo,
Offerecendo sem tardança
A liberdade, a vingança !

AS CINCO MULHERES.

A vingança !

BOLOTA.

Sim ! Sim ! Vingança !
E tambem liberdade !

TODAS.

Sim ! Sim ! Vingança
E tambem liberdade !

BOLOTA.

Couplets.

1.º

De vossas tumbas é preciso
Já sahir !
Todas deveis, se tendes siso
Me seguir !
Viva a folgança
E a vingança !
Viveu sempre a casar.
Velhaco !
Mas agora hade dar
Cavaco !

TODAS.

De nossas tumbas e preciso
Já sair ! etc., etc., etc.

BOLOTA.

Partamos ! Mas antes
De sair destas prisões,
Cantemos, cantemos
As mais alegres canções ?

TODAS.

Partamos, mas antes
De sair d'estas prisões etc., etc.

2.º

BOLOTA.

Saiamos, pois, d'esta enxovia
Para fóra !
Sim ! E' lá que a alegria
Sempre mora !
Um rapaz do tom,
Eis o que é bom !

Tudo o que uma mulher
Adora,
Com fartura vamos ter
Agora!

TODAS.

Saiamos, pois, d'esta enxovia!
Que folia!
Viva a folgança!
E a vingança!

BOLOTA.

Partamos! Mas antes
De sair d'estas prisões

TODAS.

Cantemos! Cantemos
As mais alegres canções!!!

*(Jararaca abre a porta do fundo; as seis mulheres,
loucas de alegria, precipitam-se para fora).*

(Tableau).

FIM DO 3º ACTO.

ACTO IV

Jardim no palacio do Rei Pacova. De cada lado tres estatuns com candelabros. Ao fundo capella gothica, repuxos, etc. A' direita baixa um banco de relva. Uma estatua no centro da scena.

SCENA I

(Principe, Ramalho, Rei, Rainha, Princeza, fidalgos, damas, pagens, depois Barba de Milho. A Princeza e o Principe estão vestidos de noivos. Soa meia noite. O coro, que se segue, é cantado depois de cada badalada do sino.)

CORO.

Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito
Nove, dez, onze, doze... enfim!
Nunca um noivo tão alfoito
Vimos assim!

PRINCIPE. *(á Princeza.)*

Vamos ja para a capella;
Dê-me a mão, oh, minha bella!

(Repiques de sinos fóra; os dois noivos approximam-se um do outro.)

PACOVA. *(fallando baixo a Ramalho.)*

Onde estamos nós?

RAMALHO, *(ao rei.)*

Cantata no 22.

PACOVA.

(Baixo a Ramalho) Então ataque!

RAMALHO. *(aos cortezãos)*

Cantata no 22!

CORO.

Hymeneu jovial !
Hymeneu sem igual !
Tenham tanta ventura
Quanto tem formosura !

(O cortejo dirige-se para o fundo ; o Príncipe e a Princesa vão na frente. Aparece Barba de Milho.)

BARBA DE MILHO.

Suspendei ! Suspendei !

(Todos param e descem.)

PACOVA E PRINCIPE

Mas porque suspender ?

BARBA DE MILHO.

Desde já a bondade
De me ouvir queiram ter ;
Fallarei com brevidade.

PACOVA.

Oh ! então já voltou ?

RAINHA.

E na côrte lão só...

PACOVA.

Tão só !

RAINHA.

S'apresentou ?

BARBA DE MILHO. *(muito triste.)*

Estou muito triste !
De mim tenham dó !
Bolota não existe ;
Estou outra vez só !

(Todos se admiram.)

Comigo na horta ;
Andava contente ;
Depois vi-a morta
Oh, tão de repente !
Por entre os canteiros
Alegre, corria ;
Com passos ligeiros
Verdura colhia.
Não sei o que houve !
Só sei que a coitada
N'um talo de couve
Cabio espetada !
E sem mais delonga
Entre a hortaliça
A minha candonga...
Fogo, viste linguça !

(Com menos tristeza, prosegue.)

E' ser muito caipora !
Mas que devo fazer ?
Um marido não chora
Por perder a mulher !
Dentro da capella
Já seu corpo jaz ;
Melhor para ella !
Deixa-la em paz !
S'em rica carneira
Ella já repousa,
Não acham asneira
Fallar em tal cousa ?
Mudemos d'assumpto,
Porque é nocivo
Fallar em defunto
N'um dia festivo.
Demais sabem bom,
Gemidos e ais
Não fazem ninguem
Viver nunca mais !...

(Muito alegre.)

Já que devo seguir
A lei do meu destino ;
Eu começo a rir
Como um libertino !
No mundo e ditoso
Quem sabe viver !
Todo o esposo
Deve bem saber
Que não fará vasa
Se a s'posa chorar !
A gente só casa
P'ra enviivar !

(Dirigindo-se á Princeza.)

Por isso eu venho
Nest' occasião
Com muito empenho
Pedir sua mão...

(Estende a mão á Princeza. Admiração geral.)

PACOVA *(á parte.)*

Elle parece estar borracho ;
Mas já lhe dou o meu despacho !

(A Barba de Milho.)

Ponha-se já na rua !

BARBA DE MILHO.

E' a vontade sua ?

PACOVA.

Na rua !

BARBA DE MILHO.

Na rua ?

TODOS *(menos Barba de Milho.)*

Na rua !!!

BARBA DE MILHO.

Couplets.

1.º

Tenho á minha discreção
De capociras uma malta!
Quando aeno com a mão
Seu furor logo se exalta....
Então tudo leva pancada!

TODOS (*rindo.*)

Gente! Que cousa engraçada!

BARBA DE MILHO.

2.º

São todos mestres em rasteiras,
Em pé alraz e cachações!
Dão cabeçadas tão certas
Que levam tudo aos trambalhões!
Não pensem que isto é chataça!

TODOS (*com medo.*)

Credo! Que cousa tão sem graça!

BARBA DE MILHO.

Se por acaso não consente,
Mando vir já a minha gente,
E faço tramoia!

RAMALHO (*ao rei e ao principe.*)

Tomem tento na boia!...

PACOVA.

Quem me livra de tal apuro?!..

PRINCIPE.

Seu genro futuro!

PACOVA.

Está bem!
Mas qual é o meio que tem?

PRINCIPE.

*(faz com a mão um signal a Pacova para que espere,
e diz a Barba de Milho.)*

Se pensa que sou algum pêco
Com quem se manga e caçôa,
E' já e já cahir no bêco
P'ra vêr com quantos paus se faz uma canôa!

PACOVA *(alegre).*

Vão brigar?! O menino
Vejam só como é pachola!

PRINCIPE.

Já o ensino!

BARBA DE MILHO.

Deveras criançola?!..

PACOVA.

O que vencer prometto eu
Ha de ser o esposo seu.

PRINCIPE E BARBA DE MILHO.

Vamos pois decidir isto!

TODOS *(menos o rei.)*

Vence o grande, está visto!

PACOVA.

Pois cá p'ra mim, não sei porque,
Tenho mais fé no garnizê!

RAINHA E PRINCEZA.

Por elles vamos orar!

PACOVA (*a Ramalho.*)

Dê o signal de começar!

RAMALHO (*instigando os dous.*)

Pega n'elle!!!

(*Barba de Milho e Principe começam a jogar capoeira no centro. Todos os outros personagens formam semi-circulo.*)

CÔRO (*instigando os combatentes.*)

Ksi! Ksi! Ksi! Ksi!
São bem ligeiros
Os laes bregeiros!
Que canelada!
Que cabeçada!
Bumba meu boi!
Esta sim foi
Mesmo de escacha!
Oh! que bolacha!
Ksi! Ksi! Ksi! Ksi!

PRINCEZA E RAINHA.

O céu proteja { seu } futuro!
 { meu }

PACOVA E RAMALHO.

P'ra longe vou!... E' mais seguro!

CORO.

Ksi! Ksi! Ksi! Ksi!
Eia, com pressa
Já recomeça
Novo ataque!
Tremendo baque!
E que presteza
Ha na defeza!
Oh! com que gana
Jogam pantana!
Ksi! Ksi! Ksi! Ksi!

BARBA DE MILHO.

Ahi vem a patrulha !

PRINCIPE.

Sinto bulha ! *(Volta-se para a direita.)*

BARBA DE MILHO.

Toma que te dou eu ! *(Dá uma palmada no principe. Este solta um grito, leva a mão ao coração, cae sem sentidos e é deitado no banco de relva. A rainha e a princeza chegam-se para elle.)*

BARBA DE MILHO. *(com calma.)*

Isto é qu' é brigar ! Tudo mais é só pulha

RAMALHO.

Oh, o bregeiro
Como é ligeiro !

PRINCEZA. *(Afflicta.)*

Meu Chico morreu ! Ah ! que caipóra !

BARBA DE MILHO. *(ao rei.)*

Chegou da promessa a hora !

PACOVA.

Bem sabes que, meu bom rapaz,
A palavra de um rei nunca volta atraz !

PRINCEZA. *(com a mão na testa do Principe.)*

O lindo corpo seu todo se enregêla !

BARBA DE MILHO.

Levantai-vos, Princeza ; vamos p'ra capella !

(Novos repiques de sino. A Rainha arranca a Princeza de perto do Principe. Barba de Milho dá a mão á Princeza.)

PACOVA.

Toca já a enfileirar,
E principiar
A cantar.
Sem perder tempo, á capella
Vamos levar a noiva bella!

côro.

Vamos levar a noiva bella!

RAMALHO.

Outra vez a cantata numero 22!

côro.

Hymeneu jovial!
Hymeneu sem igual! etc., etc.

(Forma se de novo o cortejo. Barba de Milho arrasta a Princesa, quasi desmaiada. Saem todos pelo fundo, menos Ramalho.)

SCENA II

Ramalho. Principe (DEITADO) DEPOIS UM **pagem**
DEPOIS **Jararaca.**

RAMALHO. *(Examina o Principe.)*

Coitado! *Mortuus est pintus in cascâ!* E como morreu de repente?! Ha gente assim... que tem tanta pressa de morrer!! E' uma cousa n'unca vista!... Elle era bem bonitinho! Olhos regulares, nariz regular, bocca regular.. tal qual como n'um passaporte!

PAGEM. *(entra, dá uma carta.)*

Esperam a resposta.

RAMALHO. *(lê.)*

Onde está a pessoa que te deu este bilhete?

PAGEM (*mostra a esquerda.*)

Ali... ei-lo!

RAMALHO.

Vae-te! (*Entra Jararaca; o pagem sáe. Jararaca vem vestido de cigano, atravessa a scena, dançando e agitando o pandeiro; d'aqui em diante esta scena e sempre dita em tom secco e precipitado.*)

RAMALHO.

Um cigano?!?

JARARACA (*tira a mascara*).

Não, um amigo!

RAMALHO.

Jararaca!!!

JARARACA.

Sr. Ramalho!

RAMALHO.

Este disfarce?!?

JARARACA.

Scio! E' um segredo!

RAMALHO.

Ah!

JARARACA.

(*Mostrando o Principe.*) Não estamos só!

RAMALHO.

E' como se estivessemos.

JARARACA.

Então é surdo?

Não. RAMALHO.
JARARACA.
Mudo? RAMALHO.
NÃO. JARARACA.
Cego? RAMALHO.
NÃO. JARARACA.
Está de touca? (*Faz gesto de beber.*) RAMALHO.
NÃO. JARARACA.
Desmaiou? RAMALHO.
NÃO. JARARACA.
(*Aterrado*). Morto?! RAMALHO.
Morto. JARARACA.
(*Alegre*). Ainda bem! Preciso fallar-lhe! RAMALHO.
Falla. JARARACA.
Não posso mais aturar! RAMALHO.
Nem eu. Mas o que?

JARARACA.

Ha uma hora foi elle a minha casa...

RAMALHO.

Barba de Milho?

JARARACA.

Oui!

RAMALHO.

Só?

JARARACA.

Sim! Só... com Bolota.

RAMALHO.

Ah!

JARARACA.

Entrou e... disse...

RAMALHO.

Vamos malal-a!...

JARARACA.

Como é que sabe?

RAMALHO.

Desconfiei.

JARARACA.

Porque?

RAMALHO.

Por nada.

JARARACA.

Logo vi?

RAMALHO.

Agora lá está elle...

JARARACA.

Casando com outra?

RAMALHO.

Com a filha d'El-Rei Pacova meu amo... que não amo.

JARARACA.

D'El-rei? Irrrrra!!!! (*agita o pandeiro, batendo em diversas partes do corpo.*)

RAMALHO.

(*Tapa os ouvidos.*) Por piedade!

JARARACA.

Continuemos!

RAMALHO.

Porque te disfarças-te assim?

JARARACA (*impondo silencio.*)

Scio! (*Sobe a scena com cuidado, olhando para um e outro lado, desce e diz ao ouvido de Ramalho.*) Por nada!

RAMALHO.

(*Faz o mesmo e diz ao ouvido de Jararaca.*) Logo vi!

JARARACA.

(*Com voz cavernosa.*) Bolota ressuscitou!

RAMALHO.

Deveras?

JARARACA.

E as outras cinco mulheres tambem!

RAMALHO.

Tambem?

JARARACA.

Agora vou atirar aos pés do rei as seis victimas!

RAMALHO.

Ah!

JARARACA.

E dizer-lhe que puna o assassino!

RAMALHO.

E' quem punirá Pacova?

JARARACA.

(Com medo.) Cuidado! Podem ouvir-nos!

RAMALHO.

Tambem não posso mais aturar!

JARARACA.

Nem eu... mas o que?

RAMALHO.

E uma historia horripilante.

JARARACA.

Uma historia horri... perante? Então tome, *(dá-lhe o pã-deiro)* passe para cá *(mudam de lugar)* e comece a narração.

RAMALHO.

Tenho um grande remorso... na algibeira!

JARARACA.

São os peiores!

RAMALHO.

(Tira do bolso uma chave enorme.) Eil-o!

JARARACA.

Esta chavinha!

RAMALHO.

(Dando-a.) Brando-a!

JARARACA.

(Sem entender.) Como ?

RAMALHO.

Não comas, não ! Brande-a, agita-a, empunha-a !

JARARACA.

(Sem entender.) Heim ?

RAMALHO.

Agarra n'ella !

JARARACA.

(Entendendo.) Ah ! eu pensava que...

RAMALHO.

Não penses nunca ! Deves saber que a pensar morreu um...

JARARACA.

Um Ramalho, bem sei.

RAMALHO.

Tanto melhor. Agarra n'esta chavinha, desce á adega e lá acharás cinco...

JARARACA.

Garrações de vinho ?

RAMALHO.

Cinco defuntos !

JARARACA.

Irrrrra !!! *(toma o pandeiro agita-o como da primeira vez e o entrega a Ramalho.)*

RAMALHO.

Porém são defuntos que gosam de perfeita saúde !

JARARACA.

(Com pena.) Coitados !

RAMALHO.

Mas porque te disfarçaste assim?

JARARACA.

(Impondo silencio). Sei! *(Vae subir com cuidado, como ha pouco).*

RAMALHO *(retendo-o).*

Já sei. Quizeste entrar aqui sem despertar desconfiança!

JARARACA.

Yes! As seis mulheres estão tambem vestidas de ciganas.

RAMALHO.

Comprehendo. Então façamos o mesmo com os cinco defuntos.

JARARACA.

Yá!

RAMALHO.

Dir-lhes-has que te sigam, leva-los-has a uma loja de roupa feita.

JARARACA.

Comprarei cinco roupas de ciganos...

RAMALHO.

Tal qual!

JARARACA.

Mas e isto? *(Faz signal de dinheiro).*... Ando na omeça!

RAMALHO.

Passarás uma letra que se vença meia hora depois da tua morte. *(Dá-lhe a chave).*

JARARACA.

Muito bem. Mas onde é a adega?

RAMALHO.

E' por ali. N'um dos corredores do castello ha uma porta falsa, tão disfarçada, que nem o diabo dá com ella!

JARARACA.

E se eu não acertar com a tal porta?

RAMALHO.

Ainda menos eu.

JARARACA.

Vae tudo ás mil maravilhas. Só ha uma cousa que me afflige!

RAMALHO.

Qual é?

JARARACA.

Temos seis ciganas e só cinco ciganos!

RAMALHO.

(Contrariado). E' verdade! Falla-nos um homem, seja de que sexo fór!

PRINCIPE *(dá um grande espirro)*.

Atchi!!! *(Jararaca e Ramalho pulam de medo)*.

RAMALHO.

Estou perdido! *(Esconde o rosto dentro do chapéo, virando-se para a direita)*.

JARARACA.

Ai de mim! *(Esconde a cabeça debaixo do braço de Ramalho)*.

PRINCIPE.

Senta-se, espreguiça-se, boceja fazendo uma cruz na boca e diz:) Que somno!

RAMALHO.

(Descobrimdo o rosto). Esta voz!

JARARACA.

(Muito tremulo). Vou fazer meu te...esta...mento!

RAMALHO.

(Espindo). Quem será! *(sorrindo)* Ah! que boa peça;

JARARACA.

(Com medo). De artilharia?

RAMALHO.

Não! que boa peça que nos pregou o príncipe!...

JARARACA *(espindo.)*

O príncipe? *(Tira a cabeça debaixo do braço de Ramalho)*. E' verdade! *(ri)*.

RAMALHO.

(Rindo) Que susto!

JARARACA.

(Com basofo). Menos eu! Não senti o menor abalo! Estou habituado aos perigos!

RAMALHO.

Então não morreu?

JARARACA.

(Meio ressabiado). E' melhor ser franco! Diga com franqueza se está vivo ou não.

PRÍNCIPE.

Estou morto...

JARARACA.

(Recuando um passo). Bem me parecia!

PRINCIPE.

Estou morto... de desejos de saber o que querem fazer com as seis ciganas e cinco eganos.

RAMALHO.

Então ouviu o que dissemos?

PRINCIPE.

Tudo!

JARARACA.

Irra! (*agita o pandeiro batendo com elle no seu corpo e no de Ramalho*).

PRINCIPE.

Não se assustem. Estou prompto a auxiliar-os. Se precisam de um homem aqui estou.

JARARACA.

(*aparte*). Não pegam as bixas! (*a Ramalho*) Desconfie d'elle!

RAMALHO.

Com uma offerta tão boa... quem é que não *se tenta*!

JARARACA.

Qual setenta nem oitenta! Pode ser um laço que nos queira armar!

PRINCIPE.

Um laço? Ignoram que Barba de Milho roubou-me minha noiva, e que por isso preciso vingar-me. Vingemo-nos todos tres.

RAMALHO.

Sim, vingemo-nos!

JARARACA.

Vingemo-nos! Irra!! (*agita o pandeiro, batendo com elle em diversas partes do corpo de cada um dos tres*).

RAMALHO.

Acompanhe este homem.

JARARACA.

Vamos!

PRINCIPE.

Vamos! (*São correndo pela esquerda. Jararaca agita o pandeiro*).

RAMALHO.

Em que ira tudo isto parar? Tenho um pressentimento de que no fim de contas... quem ha de pagar as favas... sou eu!

(*O cortejo reaparece, entrando pelo fundo e vindo da direita. Barba de Milho dá a mão á princeza*).

CÔRO.

Hymeneu jovial!

Hymeneu sem igual! etc., etc.

(*Perto da rampa, a princeza conserva-se afflicta nos braços da rainha*).

RAMALHO.

(*A Pacova*) Realizou-se finalmente a cerimonia, poderoso rei!

PACOVA.

Sim, sem mais aquella! Como é grato ao extremo coração de um pai... casar uma filha... e ver-se logo livre d'ella! Oh! Ramalho! sou muito feliz!... E ainda mais feliz me julgaria se pudesse achar tambem um noivo para minha mulher!

RAMALHO.

(*Meia voz*.) Feliz! E as cinco mortes?!

PACOVA.

(*Indifferente*.) Só cinco? Quem completará a meia duzia?!

RAMALHO.

(Mais baixo e com voz cavernosa.) Não sente remorsos?!....

PACOVA.

(Horrorizado, meia voz.) Muito! Ainda esta noite... sonhei.... e vi o remorso.... despertei e tornei a ver o remorso.... Que cousa horrivel! Tinha a forma de um espectro medonho!!! Todo eu tremi de medo!....

RAMALHO.

(Meia voz.) Faça idéa como havia de ficar horrorizado!

PACOVA.

Oh! muito!!!

RAMALHO.

Naturalmente.... ergueu-se do leito e pediu misericórdia!

PACOVA.

(Horrorizado.) Sim!!! *(com muita calma)* Não! Vi-rci-me para outro lado e ferrei logo no somno!

PRINCEZA.

(A' rainha.) Mamã! que será de mim?

RAINHA.

(A' princeza; estão abraçadas.) Minha filha! Minha filha!

BARBA DE MILHO

(A Pacova.) Escuta, Pacova!

PACOVA.

(Chegando-se a Barba de Milho.) O que?

BARBA DE MILHO.

Já viste um casamento mais lugubre do que este? Parecia um enterro! Agora mesmo.... olha! (*aponta a princeza chorando nos braços da rainha.*) Manda fechar durante duas horas as torneiras das lagrimas!

PACOVA.

Mandar, eu?... Sou rei.... e um rei nunca manda!

BARBA DE MILHO.

Procura ao menos distrahir-as!

PACOVA.

Mas como?

RAMALHO.

Tenho um meio excellente. Acabam de chegar muitos ciganos que cantam, dançam e dizem a buena-dicha.

PACOVA.

(*Contente.*) A buena-dicha? Oh! que pagode!.... Manda-os entrar quanto antes, quanto antes, Ramalho!

RAMALHO.

Vou correndo. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA IV

Rainha, Princeza, Barba de Milho, Pacova, fidalgos, damas, pagens.

RAINHA.

(*á princeza, aparte.*) Escuta minha filha. Para mostrares ao teu marido quaes são tuas intenções a seu respeito, chega-te para junto d'elle e faz-lhe assim (*faz uma careta, pondo a lingua de fora*) Han!!!

PRINCEZA.

(Admirada.) Assim *(imitando a careta)* Han?! Mas porque?

RAINHA.

Elle bem sabe o que isto quer dizer. Vai! *(empurra-a.)*

PRINCEZA.

(Perto de Barba de Milho, acanhada.) Senhor!

BARBA DE MILHO.

(Gamenho.) Querida mulherzinha!

PRINCEZA.

(Com muito desembaraço.) Han!!!

BARBA DE MILHO.

Como? Não percebi bem!

PRINCEZA.

Han!!!

BARBA DE MILHO.

(Fica um momento admirado, em silencio, boquaberto; depois diz a Pacova.) Tua filha fez assim: Han!!!

PACOVA.

(Admirado.) Oh!! Ella fez assim: Han!!! E esta!
(Voltando-se para a princeza.) Assim: Han!!

PRINCEZA E RAINHA.

(Ao mesmo tempo.) Assim: Han!!!

TODOS.

(Imitando a careta.) Han!!!

BARBA DE MILHO.

(A Pacova.) Que me dizes a isto, Pacova?

PACOVA.

(Contrariado.) Não me chames Pacova!

BARBA DE MILHO.

Se e esse teu nome.

PACOVA.

Pois sim; mas já pedi licença a minha mulher para
chrismar-me.

BARBA DE MILHO.

Fazes bem; porém que me dizes á tal careta?

PACOVA.

(Com autoridade.) Digo que vou punir com severi-
dade semelhante falta de respeito! *(chamando)* Yayá.

PRINCEZA.

(Aproximando-se.) Senhor!

PACOVA.

(Meia voz a Barba de Milho.) Vais vêr como sou
energico! *(á princeza, com ar severo.)* Quem lhe man-
deu fazer assim: *(repete a careta)* Iian?!?!

PRINCEZA.

(Com malícia.) Foi mamãi.

PACOVA.

Ah! Foi mamãi?! *(chamando com severidade)* Ma-
mã! *(emendando-se)* Guinentina!?

RAINHA.

(Com colera.) Que quer? *(aproxima-se lentamente,*

de braços cruzados, fazendo com raiva Pacova) Que quer, meu senhor?

PACOVA. *(baixo a Barba de Milho.)*

Vês como já está mansinha? *(à rainha com arrogancia) Então, com que... foi a senhora que... (vendo os olhos irritados da rainha, fica confuso e balbucia alguns monosylabos inintelligiveis.)*

RAINHA.

(Elevando a voz.) Que deseja? Porque chamou-me?

PACOVA.

Foi por... para... *(a Barba de Milho.)* Para que foi mesmo? Heim?

BARBA DE MILHO.

Foi para perguntar a respeito d'isto *(faz a careta.)*

PACOVA.

D'isto? *(repete a careta.)* Que mentira! *(repentinamente à Rainha.)* Não foi, não! Não foi, não! Pois eu havia de perguntar isso? Que bobage!!!

(Barulho de pandeiros nos bastidores, Ramalho entra pelo fundo.)

RAMALHO.

Ahi vem os ciganos!

(Pacova, Rainha, Barba de Milho, Princeza e Ramalho collocam-se à direita. Entram pelo fundo, guiados por Jararaca mascarado, seis ciganos e seis ciganas, tambem com mascarar. Os seis ciganos são: o Principe, Alvaro e quatro fidalgos. As seis ciganas são: Bolota e as cinco primeiras mulheres de Barba de Milho. Os ciganos e ciganas entram em duas fileiras e descem a scena; as ciganas vem na frente.)

SCENA V

Os mesmos, Ramalho, ciganos e ciganas.

(Os ciganos entram cantando e formando figuras e grupos)

CORO DE CIGNOS.

Por longes terras nós caminhámos
Noite e dia sem cessar ;
Agora que aqui chegamos
Dae-nos licença de cantar !

CORO DE FIDALGOS.

Por longes terras sim caminharam
Noite e dia sem cessar ;
E querem mal aqui chegaram
Permissão ter para cantar.

PACOVA.

Permissão tendes, oh, sim podeis cantar,
E desde já, desde já, começar !

CORO.

Cantai !

BALLADA.

1.º

JABARACA.

Sendo filhos de ciganos,
E de sangue bem puro,
Devassamos os arcaos
Tê mesmo do futuro !
Nossas canções,
Nossos conselhos,
Escutai bem
Moços e velhos !
A mão ponde na minha
Sem mais hesitação :
Vereis d'esta varinha

O enorme condão!
Tudo ella adivinha!
Sabe não só o presente,
Mas tambem o porvir,
Sem faltar um incidente
Sem nada encobrir!

CORO.

Sem faltar um incidente
Sem nada encobrir!

JARARACA.

2.º

Tão estupendo o condão
D'esta varinha é,
Que vai fazer calir no chão
Muitos que estão de pé!
Não ha engano
Nem fingimento
P'ra um cigano
De nascimento!
Os segredos descobre
Consultando a mão
Do ricoço, do nobre
E do pobre villão!
Tudo elle adivinha
Sim tudo adivinha, etc., etc., etc.

CORO.

Sem faltar um incidente
Sem nada encobrir!

(Ciganos, ciganas e todas as mais personagens se collocam em linha á direita e á esquerda. Apenas Jararaca fica no centro da scena.)

PACOVA.

Bonito! Bravo! Muito bem! Agora comecemos a buena-dicha! Sim?

JARARACA.

Começemos; porém antes, digam-me: não se celebraram hoje aqui umas esplendidas nupcias?

BARBA DE MILHO.

De certo!

JARARACA.

Ninguém dirá; vejo tudo tão escuro!

PACOVA.

Tem razão! O gaz virou lamparina! Talvez não esteja bem espivitado!

JARARACA.

Qual! E' porque o não souberam accender. Quer ver? Basta só um phosphoro! (*Accende um phosphoro e diz, gyrando a mão da direita para a esquerda.*) Luz! Truz! Avestruz! Catrapuz! Passe! (*Todo o jardim se illumina repentinamente.*)

PACOVA.

(*Admirado.*) Ué!!!

TODOS.

(*Menos Jararaca.*) Que cousa assombrosa!

PACOVA.

(*A Jararaca.*) Ha de ensinar-me a espivitar assim!

JARARACA.

Agora podemos começar! Dê-me sua mão, grande Barba de Milho.

BARBA DE MILHO.

Minha mão? (*Chega-se para Jararaca.*)

PACOVA.

Sua mão? Ora! ora! Isso tambem sei eu fazer. Que-rem ver? (*Pega na mão de Barba de Milho.*) Dedo min-dinho, seu vizinho, pai de todos, fura bôla, mata piolho... quem foi que tirou o toucinho que estava aqui?

JARARACA.

Não é isso! Desocupe o becco!

PACOVA.

Ah! não é!... (*Passa para a direita.*)

JARARACA.

(*Examinando a mão de Barba de Milho.*) Seis traços finos, atravessados por um em fôrma de fouce da morte!... E' signal que nao falha! Seis victimas cahiram sob a mão do mesmo algoz... e essas victimas eram mulheres!

BARBA DE MILHO.

(*Indifferente.*) Mas que tenho eu com isso?

PACOVA.

Estou morrendo por saber quem é o tal assassino; e creia que, se fôr subdito meu....

JARARACA.

Parece-me que é; em todo o caso, para não haver engan-os, vou recorrer a um grande oraculo, que reside aqui.

TODOS.

Aqui?!...

PACOVA.

Homem essa! Diga quem é!

JARARACA.

(*Mostrando a estatua central.*) E' esta estatua....

TODOS.

Esta estatua?!

JARARACA.

Sim! Prestem atenção e verão! (*Fallando á estatua.*)
Grande oraculo, quem é o assassino das seis mulheres?
(*A estatua se transforma em Barba de Milho.*)

TODOS.

(*Admirados.*) Oh!!! (*Os ciganos agitam os pandeiros*)

BARBA DE MILHO.

(*Com raiva.*) Insolente!

PACOVA.

(*Rindo.*) Ah! ah! ah!... Que gosto, meu Deos! Que gosto!!

PRINCEZA.

Matou seis? Então eu, que sou a setima, já sei o que me espera!

BARBA DE MILHO.

(*Gamenho.*) Tranquillise-se, bella Princeza; tudo isto são intrigas cefeloraes!

PRINCEZA.

Oh! estou tranquilla! (*Baixo.*) Para cá vem de carinho!

JARARACA.

Ninguem mais quer ouvir a buena-dicha?

PACOVA.

Vai tu, Ciumentina!

PRINCEZA.

Vá, mamai!

RAINHA.

(*Dirigindo-se para o centro.*) Porque não? Eu cá não tenho risquinhos em parte alguma. Minha consciencia é limpa como um espelho....

PACOVA.

(*Acabando a phrase a meia voz.*) Embaçado!

JARARACA.

(*Examinando a mão da rainha.*) Uma covinha entre os dedos polegar e index, phalanges irregulares e obliquamente estriadas; creatura fingida e loureira, que tem feito a desgraça de cinco homens.

RAINHA.

(*orrindo com desdem.*) Faz-me rir!

PACOVA.

(*Rindo á socapa.*) Chucha, que é canna doce!

RAINHA.

(*A Jararaca.*) Enlão, quem é essa tal loureira?

PACOVA.

(*Olhando de esquelha a Rainha*) Chi! Está brava como um laerau!

JARARACA.

Quem vai dizer é o oraculo, não eu. (*A' estatua.*) Mostraí-nos quem é a mulher que tem feito a desgraça de tanta gente!

(*A estatua se transforma em Rainha Ciumentina.*)

TODOS.

(*Admirados.*) Ah!!! (*Os ciganos agitam os pandeiros.*)

RAINHA.

Atrevido!

PACOVA.

(*Rindo.*) Ah! Ah! Ah! Que gosto, meu Deus! Que gosto!
(*a meia voz; muito serio.*) Mas eu não devo rir, porque a
cousa parece que toca por cas! Vou averiguar... e ai d'ella
se descobrir que me trahio! (*Furioso dirige-se á Rainha,
vê-a encolerisada, pára e fica indeciso.*)

RAINHA.

Que temos?!..

PACOVA.

(*Titubeante.*) Temos... temos... que já vai sendo hora
de ceiar; não achas?

JARARACA.

Ninguem mais quer consultar o oraculo?

PRINCEZA.

Vá; papae!

PACOVA.

Eu?

RAMALHO.

Vá!

PACOVA.

Qual! Seria descer da minha dignidade!

RAINHA.

Então não vac?

PACOVA.

Pois eu não estou indo? (*Caminha lentamente para o
centro.*)

JARARACA.

(*Examina a mão de Pacova.*) Tem cinco dedos n'esta
mao.

PACOVA.

E' verdade! Ainda não tinha reparado?

JARARACA.

Se calhesse um dedo cada vez que o Sr. Ramalho recebesse ordem de matar alguém, não sei como se coçaria agora!

PACOVA.

(Meia voz.) Quem será este endiabrado?

JARARACA.

(Examinando sempre.) Cinco mortes... e todas masculinas! Que coração dê fera!

PRINCEZA.

Matar cinco homens, quando ainda ha tantas moças solteiras! Oh! diga quem é esse malvado!

JARARACA.

(Dirigindo-se à estatua.) Grande oraculo, apresentae-nos a vera effigie do monstro!...

(A estatua se transforma em Rei Pacova.)

TODOS.

(Admirados.) Oh! *(Osciganos agitam os pandeiros.)*

PACOVA.

Patife!

TODOS.

(Caçoando com o rei.) Ah! Ah! Ah! Que gosto, meu Deos! Que gosto!

PACOVA.

(Irritado.) Expulsem d'aquí este impostor!

JARARACA.

Ah! Já começam a ter medo! Vamos então ao final da comedia! *(Aos ciganos e ciganas.)* Agora, fóra as mascaras! *(Todos tiram as mascaras. Expectação geral.)*

BARBA DE MILHO.

Ellas !

PACOVA.

Elles !

AS SEIS MULHERES DE BARBA MILHO.

(Adiantam-se.) E agora ?

BARBA DE MILHO.

Todas seis !

ALVARO.

(Ao Rei, com voz infantil.) Mau !

RAINHA.

Não te amofines, Alvaro; tomo-te debaixo de minha protecção.

ALVARO.

(Com medo, recuando.) Obrigado !

PACOVA.

Todos vivos !

PRINCEZA.

(Vendo o príncipe.) O meu Chiquinho !

BARBA DE MILHO.

(A Jararaca.) Então, não as matavas ?

JARARACA.

Que pergunta !

PACOVA.

(A Barba de Milho.) E agora ? Que faremos ?

BARBA DE MILHO.

Eu sei lá !

JARARACA.

Com pouca cousa se incommodam! São sete homens e sete mulheres.

PACOVA.

Sete casaes!

JARARACA.

Case-os.

BARBA DE MILHO.

Mas como?

JARARACA.

O unico meio de acertar na escolha é não escolher. Feche por tanto cada homem os olhos, agarre na dama que o acaso lhe fizer deparar... e tudo se concluirá n'um momento.

PACOVA.

Apoiado! Eu tambem entro no pagode e já vou fechando os olhos. (*á parte*) Quem terá a desgraça de agarrar em minha mulher!

BARBA DE MILHO.

Alto lá! O senhor, não. Somos nós sómente.

PACOVA.

Então não admitto!

RAINHA.

O que?

PACOVA.

(*Depressa.*) Não admitto... que sejam senão elles!

RAMALHO.

Principiemos pois sem delença.

ALVARO.

(*Interrompendo.*) Porém, devo observar que...

PACOVA.

Silencio! *Continuez, Munsivú Ramalho!*

RAMALHO.

Principiemos, pois, sem mais lardança.

TODOS.

Principiemos!

(A orchestra executa um melodrama, durante o qual os ciganos, ciganas, Barba de Milho e Princesa fecham os olhos e começam a andar de braços abertos, como se faz no jogo da cabra cega, até encontrarem o seu par. Os outros personagens formam semicirculo. N'aquella lufa-lufa, a Princesa encontra o Principe, Barba de Milho encontra Bolota. Alvaro encontra Miquelina, e os outros quatro ciganos encontram as outras quatro mulheres de Barba de Milho. Jararaca e Ramalho dirigem os movimentos.)

RAMALHO.

Atenção! Abrir olhos *(todos executam a ordem.)*

(A Rainha e Pacova estão na extrema direita. Durante o coro seguinte as sete mulheres e sete homens se collocam em duas linhas paralelas. A ordem das sete mulheres é: a Princesa e as cinco mulheres de Barba de Milho e Bolota. A ordem dos sete homens é: o Principe, Alvaro, quatro fidalgos e Barba de Milho. No centro um espaço livre, onde estão Jararaca e Ramalho.)

FINAL.

Côro.

Oh, que idéa!
De mão cheia!
Tão original
E moral!

(A cada apresentação as pessoas designadas adiantam-se, sendo as mulheres do lado de Jararaca e os homens do de Ramalho.)

RAMALHO (*apresenta o Príncipe.*)

Primeiro homem !

JARARACA (*apresenta a Princesa.*)

Primeira dama !

PRINCEZA.

Oh, que prazer ;

PRINCIPE.

Meu peito inflamma !

RAMALHO.

Contente está ?

PRINCEZA.

Holá ! Holá !

PACOVA E CORO.

Pois então já
Vão passando para lá !

RAMALHO (*apresenta Alvaro.*)

Segundo homem !

JARARACA (*apresenta Miquelina.*)

Segunda dama !

RAMALHO.

Contente está ?

MIQUELINA.

Holá ! Holá !

PACOVA E CORO.

Pois então já
Vão passando para lá !

RAMALHO (*apresenta quatro fidalgos.*)

Quatro homens!

JARARACA (*apresenta quatro damas.*)

E quatro damas!

RAMALHO E JARARACA.

Contentes estão.

AS QUATRO MULHERES.

Holá! Holá!

PACOVA E CORO.

Pois então já
Vão passando para lá!

RAMALHO (*apresenta Barba de Milho.*)

Ultimo homem!

JARARACA (*apresenta Bolota.*)

Ultima dama!

BARBA DE MILHO.

Esqueçamos o passado.

BOLOTA.

Está muito enganado.

BARBA DE MILHO.

Porque não queres esquecer?

BOLOTA.

Não! Tenho mais que fazer!

BARBA DE MILHO.

Juro ser muito amavel!

BOLOTA.

Tu juras, miseravel ?

BARBA DE MILHO.

Eu o juro !

BOLOTA.

Tu o juras !

BARBA DE MILHO.

Estou cansado de jurar !

BOLOTA.

E eu tambem !
Vem cá meu bem,
E para acabar
Um cancan vamos dançar !

BARBA DE MILHO.

Cá por mim estou contente
Com toda, toda, esta gente !

BOLOTA.

Bem conheceis sua mania !

BARBA DE MILHO.

Bem conheceis minha mania !
Eu sou o Barba de Milho !
Continua o meu sarilho !

CORO.

Elle é o Barba de Milho,
Continua o seu sarilho !

JARARACA.

Consegui quanto queria, não preciso mais do talisman
de ouro ! *(Atira para o ar a moeda, a qual se transforma
em chuva de ouro, durante o cancan final.)*

FIM DO 4^o ACTO.

